



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA

CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ

UNIDADE PROF. JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA

CURSO DE PEDAGOGIA

DANIELLY ROCHA SANTOS

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

**Caminhos entre a educação, o trabalho e a fé: a construção da minha identidade
profissional e pessoal como reflexo de uma vivência transformadora**

Imperatriz - MA

2025

DANIELLY ROCHA SANTOS

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Caminhos entre a educação, o trabalho e a fé: a construção da minha identidade profissional e pessoal como reflexo de uma vivência transformadora

Memorial de Formação apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão do Centro de Ciências de Imperatriz, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lizandra Guedes Baptista

Imperatriz - MA

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rocha Santos, Danielly.

Memorial de Formação: Caminhos entre a educação, o trabalho e a fé: a construção da minha identidade profissional e pessoal como reflexo de uma vivência transformadora / Danielly Rocha Santos. - 2025.

70 p.

Orientador(a): Lizandra Guedes Baptista.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz-ma, 2025.

1. Memorial de Formação. 2. Educação e Trabalho. 3. Identidade Profissional. 4. Narrativa Autobiográfica. 5. Fé e Educação. I. Guedes Baptista, Lizandra. II. Título.

DANIELLY ROCHA SANTOS

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

Caminhos entre a educação, o trabalho e a fé: a construção da minha identidade profissional e pessoal como reflexo de uma vivência transformadora

Memorial de Formação apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão do Centro de Ciências de Imperatriz, como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lizandra Guedes Baptista

Aprovada em: 29/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lizandra Guedes Baptista (Orientadora)

Doutora em Educação – Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA)

Prof.^a Dr.^a Catiane Cinelli (Examinadora)

Doutora em Educação – Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA)

Prof.^a Dr.^a Herli de Sousa Carvalho (Examinadora)

Doutora em Educação – Universidade Federal do Maranhão (CCIm/UFMA)

Dedico este trabalho à minha família, que mesmo diante da minha rotina acelerada, compreendeu meus silêncios, respeitou minhas batalhas e permaneceu ao meu lado com amor e paciência.

E dedico, com todo o meu coração, a todas as pessoas que precisam de um incentivo para vencer. Que este trabalho seja um lembrete de que é possível atravessar desafios, manter a fé, acreditar no próprio potencial e transformar dor em força.

Este trabalho é fruto de fé, esforço, resiliência e amor pela educação, e também de esperança em dias melhores para todos que persistem.

AGRADECIMENTOS

A construção deste memorial de formação representa mais do que um requisito acadêmico; é a materialização de uma jornada de aprendizado, desafios e conquistas. Nenhuma caminhada é feita de forma solitária e, por isso, expresso aqui minha gratidão a todos que, de alguma maneira, contribuíram para que eu chegasse até este momento.

A Deus, minha primeira e eterna fonte de força, inspiração e esperança. Foi Ele quem me sustentou nos momentos mais difíceis, iluminando meus caminhos com sabedoria e perseverança. Sem sua presença constante, nada teria sido possível. Em tudo, dei graças, pois, nas vezes em que pensei em desistir, senti uma força interior que só poderia vir Dele. Quando me vi sozinha, recorri à oração e entreguei tudo em Suas mãos. Ele é o meu Aba Pai, aquele que nunca me deixou, mesmo nas circunstâncias mais desafiadoras. Sei que muitas conquistas vêm do nosso esforço, mas a fé é essencial para nos manter firmes diante das barreiras. Como diz em Salmos 125.1: *“Os que confiam no Senhor são como o monte Sião, que não se abala, mas permanece firme para sempre.”* Confiar em Deus é confiar em uma força que nunca falha.

Aos meus pais, pelo amor incondicional, pelo cuidado diário e pelos valores que me ensinaram desde sempre. Vocês foram e sempre serão as colunas que sustentaram minha trajetória. À minha mãe, Wanderlúcia de Sousa Rocha, mulher de fé e coragem, que enfrentou inúmeros obstáculos para educar seus filhos, sempre guiando nossa vida conforme a vontade de Deus. Ela me ensinou que desde o ventre eu já era separada para a obra divina, e isso me guia até hoje. Ao meu pai, Amarildo Nascimento Santos, que com firmeza e amor contribuiu para a minha criação e formação. Seus "nãos" foram grandes ensinamentos, que moldaram minha responsabilidade, caráter e determinação. Amo vocês profundamente, pois sei que meu crescimento e conquistas são, em grande parte, reflexo do que vocês me ensinaram com tanto amor e sacrifício.

Ao meu irmão, Amailton Rocha Santos, cuja trajetória me inspira. Sempre observei sua luta para vencer na vida, sua perseverança e coragem diante das dificuldades. Um verdadeiro guerreiro, exemplo de superação, força, fé e uma das minhas maiores inspirações. Sou imensamente feliz por ele, pois cada conquista foi fruto de grandes desafios e determinações, uma pessoa muito estudiosa e forte.

Aos meus queridos avós, Deusina Nascimento Santos e Cecílio Freitas Santos, minha eterna gratidão por todo o cuidado, amor e presença na minha infância. São, para mim, como segundos pais, e isso carrego com muito carinho no coração. Ao meu avô materno, Ecílio Rocha (*in memoriam*), tenho profundo orgulho de levar seu sobrenome Rocha e de honrar sua história de vida marcada por força e superação.

Aos professores que fizeram parte da minha formação, com especial menção à professora Cléisa Mendes (*in memoriam*) e à minha orientadora Lizandra Guedes Baptista, que foram muito mais do que transmissoras de conhecimento. Foram guias, referências e fontes de inspiração. Seus ensinamentos ultrapassaram os muros da escola e tornaram-se lições de vida que levarei comigo para sempre.

Às minhas amigas queridas, Vitória Regina Silva de Almeida e Alice Vitória Teixeira Barros, com quem compartilho uma amizade de quase 15 anos, nascida na infância, dentro da igreja. Um trio que superou desafios, viveu alegrias e caminhou lado a lado, fortalecendo-se mutuamente em todas as fases da vida.

Aos colegas de curso, especialmente Valéria Neres Leal, Layla Cristine Leal Nascimento, Kátia Gomes Paixão, Thaynara Alves Santos, e com um carinho especial à Maria Iasmim Paiva Matos, com quem compartilhei estresses acadêmicos, incentivos e apoio mútuo. A convivência com vocês tornou a jornada mais leve, enriquecedora e cheia de aprendizados.

À minha igreja, que sempre me incentivou a buscar conhecimento sem perder os princípios e valores que norteiam minha vida. O equilíbrio entre fé e educação foi essencial para me fortalecer. Destaco com gratidão as "tias" do ministério infantil que marcaram minha formação espiritual e pessoal: Tia Joseane, Tia Ilene, Tia Luciana, Tia Itaci, minha mãe Tia Vanda, minha principal referência ministerial, e Samilla Barros, que foi minha professora na EBD e líder de coreografia, uma mulher forte e determinada, exemplo para mim, na transição da adolescência para a juventude.

E, por fim, a todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram parte da minha história e contribuíram para o meu crescimento. Cada palavra de incentivo, cada gesto de apoio e cada ensinamento deixaram marcas que levarei para toda a vida.

A todos e todas, minha sincera gratidão e o meu muito obrigada!

Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens (Colossenses 3:23).

O aprendizado desperta uma multiplicidade de processos internos de desenvolvimento que somente podem ocorrer quando a criança está interagindo com pessoas em seu ambiente e em colaboração com seus pares (Lev Vygotsky, 1989, p. 77).

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso apresenta um Memorial de Formação, que aborda a trajetória acadêmica, profissional e cristã de uma estudante de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz. A partir de uma abordagem autobiográfica, o estudo busca refletir sobre a construção da identidade pessoal e profissional, considerando a inter-relação entre educação, trabalho e fé. A metodologia utilizada é qualitativa e narrativa, tendo como objeto de análise a própria experiência de vida da autora. O referencial teórico inclui os estudos de Passeggi (2011) e Delory-Momberger (2012) sobre autobiografia e formação, Josso (2004) sobre identidade e narrativa de vida, e Saviani (2008) acerca da educação como prática emancipadora. O memorial evidencia como os desafios e vivências enfrentados contribuíram para consolidar uma visão da educação como instrumento de transformação social, mediada por valores cristãos e experiências formativas.

Palavras-chave: memorial de formação; educação e trabalho; identidade profissional; narrativa autobiográfica; fé e educação.

ABSTRACT

This Undergraduate Thesis presents a Formation Memoir that addresses the academic, professional, and Christian journey of a Pedagogy student at the Federal University of Maranhão (UFMA), Imperatriz Campus. Based on an autobiographical approach, the study seeks to reflect on the construction of personal and professional identity, considering the interrelationship between education, work, and faith. The methodology used is qualitative and narrative, having as its object of analysis the author's own life experience. The theoretical framework includes the studies of Passeggi (2011) and Delory-Momberger (2012) on autobiography and formation, Josso (2004) on identity and life narrative, and Saviani (2008) on education as an emancipatory practice. The memoir highlights how the challenges and experiences faced contributed to consolidating a view of education as an instrument of social transformation, guided by Christian values and formative experiences.

Keywords: formation memoir; education and work; professional identity; autobiographical narrative; faith and education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Minha Família

Figura 02 - Minha Vó Deusina

Figura 03 - Registro na Escola Moranguinho: Copa do Mundo 2006

Figura 04 - Aula Prática no IFMA

Figura 05 - Estágio em gestão (projeto de intervenção: Natal Solidário)

Figura 06 - Estágio em Educação Infantil (Regência)

Figura 07 - Ministração de Treinamento de processos em Balsas - MA

Figura 08 - Ministração de treinamentos de processos em Imperatriz - MA

Figura 09 - Visitando a fábrica de automóveis Stellantis em Betim - MG

Figura 10- Cartão de inscrição do ITA (indo realizar a prova)

Figura 11 - Visita a cabine do avião

Figura 12 - Tia Danny na ministração de história bíblicas

Figura 13 - Liderança de grupos de coreografias (Blindagem espiritual, Serafins e Primícias)

Figura 14 - EBD (Escola Bíblica Dominical)

Figura 15 - Liderança do Coral Infantil Jeová Nissi

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
CRM	Customer Relationship Management
COVID 19	Coronavírus
CX	Customer Experience
EBD	Escola Bíblica Dominical
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IEADI	Assembleia de Deus em Imperatriz
IFMA	Instituto Federal do Maranhão
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
SEMED	Secretaria Municipal de Educação
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O MEMORIAL DE FORMAÇÃO	16
2. MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO: DA INFÂNCIA A EDUCAÇÃO SUPERIOR	18
2.1 Formação na primeira infância	18
2.2 Minha trajetória na educação infantil e no ensino fundamental - anos iniciais	22
2.3 Minha trajetória no ensino fundamental - anos finais	27
2.4 Trajetória no Ensino Médio e na formação técnica	30
3. CONCILIANDO TRABALHO, ESTUDOS E SONHOS: UMA TRAJETÓRIA DE CRESCIMENTO E SUPERAÇÃO.....	35
3.1 Minha trajetória na Educação Superior	35
3.1.1 Os aprendizados no Curso de Pedagogia e as suas contribuições para minha formação ...	39
3.2 Experiência profissional: trabalhar, estudar e sonhar — formar-se no movimento da vida	46
3.3 Vida cristã e educação como caminhos de fé, valores e transformação social.....	53
3.4 Religião, educação e a emancipação humana	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS OU QUEM SOU EU?	61
Manifesto Pessoal de Danielly Rocha Santos	64
REFERÊNCIAS	65

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está estruturado no formato de memorial de formação e propõe uma reflexão sobre minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal, marcada pela constante busca de equilíbrio entre os estudos, o trabalho e a vivência cristã. A escrita de um memorial constitui um exercício de reconstrução da própria história, conectando passado, presente e futuro. Segundo Passeggi (2011, p. 86), a autobiografia é um instrumento que permite ao sujeito ressignificar suas experiências, ampliando sua compreensão sobre os acontecimentos que moldaram sua identidade. Assim, “as narrativas pessoais são formas de construção do conhecimento que possibilitam ao sujeito ressignificar suas experiências e compartilhar saberes que contribuem para a construção de identidades e trajetórias formativas (idem).

Nesse sentido, o memorial possibilita uma imersão nas vivências individuais, mas não apenas como relatos isolados, e sim como partes de uma construção coletiva e historicamente situada, trazendo à tona memórias esquecidas e experiências significativas que contribuíram para a minha formação como educadora e ser humano em constante construção. Reviver momentos felizes e desafiadores me permite compreender como cada experiência, seja no ambiente educacional, no trabalho ou na vida cristã, influenciou diretamente meu crescimento e minha visão sobre o mundo. Como afirma Delory-Momberger (2012, p. 45), “a pesquisa autobiográfica não se trata apenas de narrar um percurso individual, mas de compreender como esse percurso se insere em uma história coletiva e culturalmente situada”.

Alinhado a isso, a realização de um memorial se coloca como uma importante oportunidade de compreensão do real, já que percorre as vivências do sujeito em formação de maneira reflexiva, considerando as influências sociais, institucionais e culturais que impactam em sua trajetória. Como ressalta Josso (2004, p. 32), a abordagem autobiográfica permite ao indivíduo “dar sentido às suas experiências, articulando-as em um processo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento pessoal”.

Dessa forma, a escrita deste memorial é uma oportunidade de compreender minha trajetória pessoal e profissional, perpassada pelo contexto político, econômico e cultural nacional e regional. Ao longo dos anos, três pilares se entrelaçaram de maneira significativa a minha trajetória - estudos, o trabalho e a vivência cristã - influenciando diretamente a construção da minha identidade e reafirmando minha missão na educação, por mim compreendida como uma ferramenta de transformação social, pois como afirma Saviani (2008,

p. 95), a educação não é apenas um meio de transmissão de conhecimento, mas "um processo que possibilita a emancipação do sujeito e a compreensão crítica da realidade".

Minha jornada sempre foi marcada pela superação de desafios, especialmente no campo educacional e profissional. Desde cedo, compreendi que a educação seria a chave para transformar minha realidade e, mesmo enfrentando dificuldades financeiras e pessoais, nunca deixei de lutar pelos meus sonhos. Paralelamente, minha fé sempre guiou minhas decisões e me fortaleceu nos momentos mais difíceis.

O interesse por esse estudo surgiu durante a disciplina Seminário Temático II, ministrada pela Professora Herli de Sousa Carvalho, na qual escrevemos sobre nossa história de vida e compartilhamos lembranças da infância. Naquele momento, ainda não compreendia a importância desse exercício na construção da identidade profissional e pessoal. Com o avanço dos períodos acadêmicos e a realização da disciplina Seminário de Pesquisa, ministrada pela Professora Késsia Mileny de Paulo Moura, percebi que o memorial de formação poderia ser a oportunidade ideal para aprofundar essa reflexão, registrando não apenas minha jornada educacional, mas também contextualizando socialmente os desafios, superações e conquistas que me trouxeram até este momento.

Desta forma, este memorial tem como objetivo principal analisar minha trajetória acadêmica, profissional e cristã, destacando como essas três dimensões se entrelaçam e como influenciaram minha formação e visão sobre a educação e o impacto que ela pode causar na vida das pessoas. Assim, a questão que orienta esta pesquisa é: "como a minha trajetória de vida, marcada pela interlocução entre estudos, trabalho e vida cristã, influenciou a construção da minha identidade profissional e pessoal, reafirmando minha compreensão na educação como ferramenta de transformação social?"

Para atingir este objetivo geral, pretende-se alcançar os seguintes objetivos específicos: (i) relatar a forma como a conciliação entre os estudos, o trabalho e a vida cristã impactou a minha formação pessoal e profissional; (ii) refletir sobre como essas experiências ajudaram a construir minha visão sobre a educação como ferramenta de transformação social; (iii) discutir os desafios enfrentados ao equilibrar essas três dimensões da minha vida e como eles contribuíram para o fortalecimento da minha identidade.

Quanto ao método de abordagem, a presente pesquisa se caracteriza como sendo de natureza qualitativa de abordagem autobiográfica, pois segundo Josso (2004, p. 32), a abordagem autobiográfica possibilita "um processo de tomada de consciência sobre a própria

experiência, permitindo ao sujeito construir novos significados sobre sua trajetória de vida e formação”. Dessa maneira, este memorial não apenas documenta minha história, mas também proporciona uma análise crítica sobre os caminhos que me conduziram até aqui.

Por fim, este trabalho está organizado em três partes principais: minha formação acadêmica, minha experiência profissional e minha atuação cristã. Cada uma dessas dimensões será explorada com o intuito de evidenciar como se entrelaçam na construção da minha identidade e na consolidação da educação como um projeto de vida.

1 O MEMORIAL DE FORMAÇÃO

O memorial de formação é um gênero textual autobiográfico, que permite ao sujeito refletir sobre sua trajetória acadêmica, profissional e pessoal, articulando suas experiências ao longo da vida e seus processos de aprendizagem. Essa escrita vai além de um simples relato de acontecimentos; ela propõe uma análise crítica sobre a construção da identidade do sujeito e sua relação com os espaços de formação. Segundo Nóvoa (2003), ao escrever sobre si mesmo, o professor articula o *eu pessoal* com o *eu profissional*, promovendo a construção de uma identidade docente consciente, ancorada em suas experiências formativas.

A escrita do memorial caminha paralelamente ao desenvolvimento da educação superior no Brasil. Seu uso acadêmico tem origem nas universidades europeias, onde era utilizado como um instrumento de avaliação para progressão na carreira docente. No Brasil, o memorial de formação começou a ser utilizado nas universidades a partir da década de 1930, principalmente como critério para acesso ao cargo de professor catedrático. Segundo Nóvoa (1995),

A construção da identidade profissional docente ocorre ao longo da vida, sendo resultado de um processo contínuo de aprendizado e reflexão, pois a identidade profissional não se reduz a um conjunto de habilidades ou competências técnicas, mas se constrói no entrelaçamento de experiências pessoais, sociais e profissionais (p. 25).

A partir dos anos 2000, com a valorização da abordagem autobiográfica na pesquisa em educação, o memorial passou a ser adotado também como um instrumento de formação inicial e continuada de professores. Passeggi e Souza (2017, p. 64) explicam que o memorial permite ao sujeito um exercício de autorreflexão e ressignificação de suas experiências de aprendizagem, já que “não é apenas uma reconstrução linear do passado, mas um processo dialógico e crítico, no qual o sujeito elabora sua história à luz de novos olhares e interpretações”.

A importância do memorial de formação está diretamente ligada à sua capacidade de gerar reflexão sobre o percurso formativo do sujeito. Como aponta Delory-Momberger (2012, p. 45), esse tipo de escrita permite que o indivíduo compreenda a influência dos contextos sociais e culturais em sua trajetória, pois “não se trata apenas de narrar um percurso individual, mas de compreender como esse percurso se insere em uma história coletiva e culturalmente situada”.

Dessa forma, a escrita autobiográfica se configura como um instrumento de construção identitária, favorecendo um olhar crítico sobre os desafios, conquistas e aprendizados ao longo

da vida acadêmica e profissional. Mais ainda, a reflexão sobre a trajetória permite ao sujeito reconhecer a interação entre experiência e conhecimento, reforçando a ideia de que a formação não é apenas um processo técnico, mas também um caminho de amadurecimento e autoconhecimento.

No próximo capítulo, apresento reflexões sobre minha trajetória educacional, desde a infância até a Educação Superior, destacando momentos significativos da educação infantil, ensino fundamental, médio e técnico. Abordo também minha vivência no curso de Pedagogia, com ênfase nos aprendizados construídos e suas contribuições para minha formação profissional, incluindo experiências de estágio e disciplinas marcantes. Além disso, compartilho minha experiência no campo profissional e trago uma reflexão sobre como minha vida cristã tem influenciado minha prática educativa, compreendendo a fé como um caminho de construção de valores e transformação social.

2 MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO: DA INFÂNCIA A EDUCAÇÃO SUPERIOR

Ao lembrar tudo que já vivi, percebo o quanto sou forte e como cada experiência contribuiu para minha trajetória. Segundo Paulo Freire (1987, p. 44), "não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão".

A reflexão sobre o próprio caminho é essencial para o desenvolvimento pessoal e profissional. Como Vygotsky (1991, p. 59) destaca, "o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo pelo qual as crianças adquirem conhecimento e habilidades por meio da interação", assim, cada experiência vivida molda não apenas quem sou hoje, mas também quem desejo me tornar, guiando minhas escolhas e construindo minha identidade.

Compreender o passado permite ressignificar desafios e encontrar novas perspectivas para o futuro, transformando aprendizados em crescimento contínuo. Ter consciência da minha trajetória me faz enxergar possibilidades que antes pareciam distantes. Parafraseando Nietzsche (1888), as dificuldades que não nos vencem, têm o poder de nos fortalecer e é nesse fortalecimento que encontro motivação para seguir em frente. Com uma nova perspectiva, sou capaz de transformar desafios em oportunidades e continuar minha caminhada rumo a um futuro que reflita meus valores e aspirações.

2.1 Formação na primeira infância

Sou filha de Amarildo e Wanderlúcia e tenho um irmão, um dos meus inspiradores no ambiente dos estudos, porque eu sempre observei a sua dedicação e vontade de vencer na vida, através dos estudos. Nasci em Imperatriz, Maranhão, no dia 25 de março de 2002. Meus pais tiveram infâncias desafiadoras e, apesar de virem de lugares distintos, ambos se estabeleceram em Imperatriz junto com suas famílias.

Figura 01 - Minha Família



Fonte: Acervo Pessoal

A imagem apresentada retrata minha família, que representa o alicerce fundamental da minha trajetória pessoal e profissional. Essa fotografia carrega um forte valor simbólico e afetivo, pois foi registrada durante a formatura do meu irmão no curso de Direito, no ano de 2022. Esse momento, além de celebrar uma conquista significativa dentro da nossa família, também reforça a importância do apoio mútuo, da união e da valorização da educação como um caminho de transformação.

Imperatriz, município localizado no sudoeste do Maranhão, tem uma trajetória histórica marcada pelo crescimento econômico e pela sua posição estratégica na região. Fundada oficialmente em 16 de julho de 1852, a cidade recebeu esse nome em homenagem à Imperatriz Teresa Cristina, esposa de Dom Pedro II. O povoamento da região começou com expedições lideradas por Frei Manoel Procópio do Coração de Maria, que buscava estabelecer missões religiosas e colonizar áreas próximas ao Rio Tocantins (Prefeitura de Imperatriz, 2024).

Durante o século XX, a cidade de Imperatriz cresceu exponencialmente devido à exploração da borracha, do comércio e, posteriormente, à construção da Rodovia Belém-Brasília, consolidando-se como um importante polo econômico. No ano do meu nascimento, a cidade de Imperatriz vivia um período de urbanização e expansão comercial, impulsionado pelo agronegócio e pelo comércio varejista.

Minha mãe nasceu em Pernambuco, em uma família humilde, e meu pai em um povoado da Lagoa Verde, município de Imperatriz. Nenhum dos dois teve acesso à educação formal completa: ambos concluíram apenas o Ensino Fundamental, levavam uma vida sofrida, onde trabalhar para ganhar o sustento era prioridade, mais do que irem à escola. Minha mãe concluiu

o ensino fundamental já adulta, com auxílio do Projovem (Programa Nacional de Inclusão dos Jovens), no entanto, nenhum dos dois conseguiu as condições para iniciar (no caso de minha mãe) ou concluir o ensino médio (no caso de meu pai).

Na década de 1990, meus pais enfrentaram severas dificuldades no contexto socioeconômico. Minha mãe, ainda muito jovem, precisou ingressar no mercado de trabalho para contribuir com o sustento da casa onde vivia com a família e esse cenário de vulnerabilidade social foi determinante para que ela não conseguisse ingressar no ensino médio, interrompendo sua trajetória educacional.

De forma semelhante, meu pai vivenciou muitos desafios. Além das exigências de trabalho para garantir seu próprio sustento, enfrentou entraves significativos no processo de escolarização. Inicialmente, realizou sua matrícula na Escola Municipal João Silva, localizada no bairro Santa Rita em Imperatriz, mas estudou na escola por apenas 6 meses e desistiu. No ano seguinte tentou novamente, porém a escola João Silva não ofertava mais o ensino médio e com a mudança para o Centro de Ensino Raimundo Soares, escola municipal localizada no bairro Bom Sucesso, não conseguiu dar continuidade aos estudos. A exigência de realizar uma prova de nivelamento para efetivar a matrícula no ensino regular, vigente na época, foi um fator desmotivador, especialmente diante das limitações impostas pela sua rotina de trabalho e falta de apoio institucional.

Outro aspecto que contribuiu para esse abandono escolar foi o contexto familiar emergente: minha mãe engravidou do meu irmão aos 16 anos, o que agravou ainda mais as responsabilidades assumidas precocemente por ambos. Esse conjunto de fatores evidencia como a desigualdade social e a ausência de políticas educacionais mais inclusivas impactaram diretamente as oportunidades de formação dos meus pais.

No Brasil, entre os anos de 1992 e 1998, as políticas públicas educacionais ainda apresentavam limitações significativas na garantia de acesso e permanência escolar, especialmente para famílias em situação de vulnerabilidade socioeconômica. O período foi marcado pela implementação de programas como o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), instituído em 1996 pela Emenda Constitucional nº 14, que buscava redistribuir recursos e ampliar o atendimento ao ensino fundamental (BRASIL, 1996). Contudo, antes de sua efetiva aplicação, o cenário nacional era caracterizado por altas taxas de evasão que, em meados da década de 1990, ultrapassavam 15% no ensino fundamental, insuficiência de programas de assistência estudantil

e ausência de políticas consolidadas de apoio às famílias (IBGE, 1997; IPEA, 1998), o que dificultava a continuidade dos estudos de adolescentes que precisavam contribuir com a renda familiar ou assumir responsabilidades domésticas.

Apesar das dificuldades, minha mãe sempre fez questão de que eu e meu irmão nunca desistíssemos dos estudos, pois via na educação a possibilidade de um futuro melhor. Sua dedicação incansável e seus esforços para garantir que tivéssemos acesso à escola foram fundamentais para nossa formação.

Minha infância foi marcada por desafios, mas também por aprendizados valiosos. Cresci em um ambiente onde a determinação de meus pais foi uma das maiores riquezas que pudemos receber. Aos dois anos, vivenciei uma importante conquista: conseguimos mudar para uma casa de tijolos, um grande avanço para nossa família. Devido às condições socioeconômicas da época, antes morávamos em uma casa simples de tábua.

Minha mãe, quando eu era criança, trabalhava como empregada doméstica para ajudar no sustento da casa, enquanto meu pai atuava como técnico de som de algumas bandas. Durante esse período, minha educação infantil foi dividida entre o apoio da minha avó paterna Deusina, que me cuidava para que minha mãe pudesse trabalhar, e o auxílio da minha mãe nos primeiros aprendizados na escola.

Figura 02- Minha Vó Deusina



Fonte: Acervo Pessoal

Esta imagem representa muito mais do que um simples registro fotográfico; ela simboliza o carinho, o acolhimento e a presença fundamental da minha avó paterna, Deusina,

em minha infância. Durante a intensa jornada de trabalho da minha mãe, foi minha avó quem assumiu com afeto e dedicação o papel de cuidadora, proporcionando estabilidade, afeto e orientação nos primeiros anos da minha formação.

Sua figura remete à força silenciosa das mulheres que sustentam, muitas vezes nos bastidores, o desenvolvimento e a educação de uma família. Essa imagem conclui, portanto, uma memória de gratidão e reconhecimento por sua influência marcante em minha construção pessoal.

2.2 Minha trajetória na educação infantil e no ensino fundamental - anos iniciais

A educação no Brasil passou por diversas transformações entre os anos de 2006 e 2019, período em que cursei a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio. Durante essa época, políticas públicas foram implementadas para ampliar o acesso à educação e melhorar a qualidade do ensino, ainda que desafios como a infraestrutura das escolas e a valorização dos professores continuassem a ser questões importantes.

Entre 2006 e 2007, quando frequentei o Jardim I e II, o Brasil já havia estabelecido a obrigatoriedade da educação infantil como parte da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). Nessa época, o ensino pré-escolar ainda estava se consolidando em Imperatriz, e muitas escolas não tinham vagas suficientes para atender a demanda.

Durante este período em que frequentei o Jardim I e II, a Educação Infantil em Imperatriz - MA refletia tanto os avanços das políticas nacionais quanto os desafios regionais de implementação. Embora a Constituição Federal de 1988 já reconhecesse a educação como direito de todos e dever do Estado, foi com as alterações promovidas pela Emenda Constitucional nº 53/2006 e a regulamentação da Lei nº 11.114/2005 que a Educação Infantil passou a ser efetivamente inserida como parte da Educação Básica obrigatória (BRASIL, 2005; BRASIL, 2006).

No entanto, dados do Censo Escolar indicam que, em 2007, apenas cerca de 54% das crianças de 4 a 6 anos estavam matriculadas na pré-escola em Imperatriz, percentual inferior à média nacional de 61% (INEP, 2008). O município enfrentava dificuldades para atender à crescente demanda por vagas em creches e pré-escolas, especialmente em bairros periféricos. A expansão da rede municipal era limitada por questões estruturais, como a escassez de unidades adaptadas à primeira infância, carência de professores com formação específica na

área e falta de recursos para manutenção de espaços adequados. Relatórios do MEC apontam que, no período, mais de 40% das instituições de educação infantil no município funcionavam em prédios improvisados ou compartilhados com turmas de ensino fundamental, o que comprometia a qualidade do atendimento (MEC, 2007).

Essa realidade evidencia que, apesar das mudanças legislativas nacionais, o acesso universal e equitativo à educação infantil ainda não era plenamente garantido em municípios de médio porte como Imperatriz, revelando um descompasso entre a formulação de políticas públicas e sua efetiva implementação no território.

O trabalho pedagógico nas turmas de Jardim I e II era pautado em atividades lúdicas, considerando o brincar como eixo estruturante do processo de aprendizagem, conforme orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. As práticas incluíam cantigas, desenhos, brincadeiras dirigidas, contação de histórias e socialização, buscando o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físico, emocional, social e cognitivo.

Embora o Programa Nacional do Livro Didático para a Educação Infantil (PNLD-EI) ainda estivesse em fase de elaboração sendo implementado apenas em 2010 - os educadores em Imperatriz buscavam alternativas locais e regionais para adaptar o material pedagógico. O debate sobre a aperfeiçoamento do processo de letramento já começava a surgir, impulsionado pela ampliação de programas como o PNAIC (Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa), mas ainda não havia uma política formal de letramento na pré-escola, embora a prioridade já era promover a imersão no mundo letrado por meio de jogos, músicas, rimas e contato com livros ilustrados.

A criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), em 2007, também foi um marco para o financiamento da Educação Infantil no município, ampliando as possibilidades de investimento nas creches e pré-escolas municipais. Ainda assim, os desafios quanto à equidade no acesso, à valorização docente e à qualidade da infraestrutura permaneciam evidentes na realidade educacional de Imperatriz durante essa fase inicial da escolarização.

Meus primeiros anos de educação formal tiveram início na creche Municipal Viriato Corrêa, localizada no Bairro São José, bem próxima da minha residência. Entretanto, uma das maiores realizações da minha infância foi a transferência para a Escola Conveniada Moranguinho, onde cursei do Jardim ao 5º ano, no período de 2006 a 2012. Essa mudança teve

um significado especial para mim, não apenas por se tratar da mesma instituição onde meu irmão estudava, mas também pelas condições mais favoráveis que a escola oferecia em comparação à anterior.

A Escola Moranguinho, que anteriormente funcionava como escola particular por isso a nomenclatura de conveniada, anteriormente era uma escola particular que passou a ser pública, apresentava uma infraestrutura mais adequada, com ambientes acolhedores e organizados, além de um padrão de ensino mais qualificado. O uso de uniforme padronizado e a estética do espaço escolar contribuíram para um sentimento de pertencimento e valorização da aprendizagem. Estudar ao lado do meu irmão, em um ambiente estimulante e bem estruturado, fortaleceu ainda mais meu vínculo com a escola e impulsionou minha motivação para os estudos. Lembro-me que chorei bastante quando saí dessa escola para ingressar em outra de ensino fundamental nos anos finais.

Figura 03- Registro na Escola Moranguinho: Copa do Mundo 2006



Fonte: Acervo Pessoal

Foi nessa escola que aprendi a importância do ensino na vida das pessoas. Mesmo com dificuldades, sempre gostei muito de estudar e algumas lembranças marcaram esse período: as brincadeiras no recreio, os professores exigentes, as dificuldades com interpretação de texto e a descoberta da matemática como uma grande paixão.

Durante o período de 2008 a 2012, quando cursei o Ensino Fundamental I, o Brasil estava fortalecendo políticas de inclusão escolar. A Educação Básica já contava com o suporte do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), criado pela emenda constitucional nº53/2006, garantindo mais investimentos para a ampliação das escolas

e qualificação dos professores (BRASIL, 2006; BRASIL, 2007). Segundo Pinto (2007), o FUNDEB representou um avanço significativo na redistribuição de recursos, ampliando o atendimento educacional a todos os níveis da educação básica, mas ainda enfrentava desafios quanto à equidade entre regiões.

A principal mudança educacional nesse período foi a implementação do Ensino Fundamental de 9 anos, a partir da Lei nº 11.274, sancionada em 6 de fevereiro de 2006, tornando obrigatória a matrícula das crianças a partir dos 6 anos de idade (BRASIL, 2006). Isso impactou a estrutura curricular, antecipando o processo de alfabetização e letramento. De acordo com Cury (2007), essa alteração demandou adaptações na organização curricular e na formação docente, antecipando o processo de alfabetização e letramento. Para Soares (2010), a inclusão da criança de seis anos no ensino fundamental ampliou o tempo de escolaridade obrigatória e reforçou a importância de práticas pedagógicas mais adequadas à infância, mas também gerou tensões entre as especificidades da educação infantil e as demandas do ensino fundamental.

Em relação ao meu processo de letramento, me lembro de que, a partir do 5º ano, comecei a enfrentar dificuldades na interpretação de texto. Embora não tivesse problemas com a leitura em si, sentia dificuldades para compreender plenamente o que estava lendo e para organizar minhas ideias. Quando os professores pediam para fazer um resumo dos livros, o processo se tornava um grande desafio para mim.

Além das dificuldades no aprendizado em interpretação de texto e reorganização da escrita em um papel, um fator que impactou significativamente minha jornada escolar foi a falta de uma alimentação adequada. Esse problema se intensificou quando ingressei no Ensino Fundamental II e, posteriormente, no Ensino Médio. Vinda de uma família de baixa renda, nem sempre havia condições para levar lanche para a escola, o que afetava minha concentração e energia durante as aulas, naquela época um grande auxílio que tínhamos era o Bolsa Família.

O Programa Bolsa Família é uma política pública de transferência direta de renda criada pelo governo federal brasileiro em 2003, com o objetivo de combater a pobreza e a fome, além de promover o acesso a direitos sociais básicos como saúde, educação e assistência social. O programa atende famílias em situação de pobreza e extrema pobreza, condicionando o recebimento do benefício ao cumprimento de compromissos como a frequência escolar de crianças e adolescentes e o acompanhamento de saúde, incluindo vacinação e pré-natal (Brasil, 2004). Trata-se de uma das principais estratégias de redução das desigualdades sociais no

Brasil, reconhecida internacionalmente por sua eficácia no alívio da pobreza de forma articulada com outras políticas públicas e que foi muito importante na nossa família.

Um conjunto de estudos aponta que a ausência de uma alimentação adequada pode comprometer significativamente o processo de aprendizagem infantil. A desnutrição ou a ingestão insuficiente de nutrientes essenciais afeta diretamente a concentração, a memória e a disposição da criança para as atividades escolares. Embora muitas instituições de ensino ofereçam lanches como forma de suprir essa carência, nem sempre esses alimentos são suficientes em termos nutricionais para atender às necessidades diárias. O Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), a pública brasileira, busca garantir a oferta de refeições nutritivas e balanceadas a estudantes da rede pública, contribuindo para a melhoria do desempenho escolar e a promoção da saúde (BRASIL, 2009). De acordo com Monteiro e Cannon (2020), a qualidade da alimentação está diretamente relacionada ao desenvolvimento físico e cognitivo, sendo a desnutrição um dos fatores que contribuem para o baixo rendimento escolar.

Outro desafio que enfrentei, e que também estava vinculado à minha alimentação, foi o *bullying*, especialmente por conta da minha magreza. Por diversas vezes, fui alvo de comentários e brincadeiras maldosas sobre meu corpo, o que me causava desconforto e insegurança.

O *bullying*, caracterizado por agressões físicas ou psicológicas repetitivas, pode causar impactos profundos na autoestima e no desenvolvimento emocional de crianças e adolescentes. Segundo Olweus (1993), o *bullying* ocorre quando um estudante é exposto, repetidamente, ao longo do tempo, a ações negativas por parte de um ou mais colegas, em uma relação marcada por desequilíbrio de poder. Quando ocorre durante a formação escolar, como no caso do *bullying* relacionado ao corpo, ele contribui para sentimentos de exclusão, insegurança e ansiedade. Esses fatores, embora desafiadores, também podem despertar mecanismos de resiliência e superação. Segundo Oliveira e Silva (2021), a vivência do *bullying* pode, em alguns casos, fortalecer a identidade e o senso de propósito do indivíduo, especialmente quando esse encontra apoio no ambiente escolar ou familiar.

Ao que me parece, este foi o meu caso, pois, apesar das dificuldades acadêmicas, das barreiras financeiras e das adversidades emocionais, nunca deixei que esses fatores me fizessem desistir. Pelo contrário, todas essas dificuldades fortaleceram ainda mais minha determinação e a vontade de seguir em frente. Com o amparo de Deus e o constante incentivo das palavras da

minha mãe, mantive firme a convicção de que a educação seria o caminho mais seguro e digno para transformar minha realidade.

2.3 Minha trajetória no ensino fundamental - anos finais

Ao longo de minha trajetória no Ensino Fundamental II, entre 2013 e 2016, o Brasil consolidava suas diretrizes educacionais com a ampliação do acesso à educação pública. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) já era utilizado como referência para medir a qualidade do ensino.

Durante esses anos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) começou a ser discutida, estabelecendo diretrizes para o que deveria ser ensinado em cada ano escolar. Foi um período em que as disciplinas passaram a ter maior aprofundamento, com um ensino mais estruturado em Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, História e Geografia.

No entanto, desafios como a evasão escolar, principalmente no Ensino Fundamental II, ainda eram preocupantes, especialmente em áreas mais carentes. Esse problema está frequentemente associado a fatores socioeconômicos, defasagem idade-série e desmotivação dos estudantes (Costa; Silva, 2018). Para combater isso, o governo federal implementou e fortaleceu programas como o Mais Educação, instituído pela Portaria nº 17/2007 do MEC, que visava a ampliação da jornada escolar por meio da oferta de atividades extracurriculares, esportivas, culturais e de reforço escolar, buscando tornar a escola um espaço mais atrativo e inclusivo (Brasil, 2007).

A transição para o ensino fundamental anos finais (6º ao 9º ano) foi um desafio para mim. Estudei na escola Municipal Sinopse (2013-2016), localizada no bairro Bom Sucesso, onde a estrutura não era tão boa, mas os professores foram fundamentais para minha formação.

O 6º ano foi especialmente marcante por conta da professora Cléisa Mendes, que despertou meu amor pela matemática; isso se sucedeu não somente porque tinha mais facilidades em cálculos do que em textos, mas também pela maneira diferente em como a professora abordava o conteúdo. Infelizmente, no 8º ano, ela faleceu, e essa perda foi um dos momentos mais difíceis da minha trajetória escolar. Mesmo assim, permaneci firme nos estudos, destacando-me em matemática e desenvolvendo, de forma autônoma, estratégias para superar minhas limitações em interpretação de texto. Sempre que percebia dificuldade em algum conteúdo, buscava maneiras alternativas de compreendê-lo. Uma das estratégias que

encontrei foi transformar textos em mapas mentais ou representações gráficas, o que me proporcionava uma visão mais analítica e facilitava o aprendizado.

Durante a infância, adolescência e início da juventude, nunca fui diagnosticada com nenhum tipo de transtorno de aprendizagem, mas sempre percebi que enfrentava certas dificuldades. Em vez de me acomodar, procurei caminhos para superá-las por conta própria. Ao ingressar no curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), passei a me interessar profundamente por áreas ligadas à psicopedagogia, especialmente aquelas que abordam transtornos e dificuldades de aprendizagem, assim como estratégias de intervenção.

Foi nesse contexto acadêmico que resgatei memórias da infância de quando tinha dificuldades para interpretar textos e escrever redações. Percebi que, naquela época, não se falava sobre temas como dislexia, discalculia, ou transtorno do déficit de atenção com hiperatividade (TDAH). Essas condições, hoje amplamente discutidas, eram completamente ignoradas, o que dificultava ainda mais o processo de identificação e suporte adequado. Segundo Fonseca (2014), muitos transtornos de aprendizagem passam despercebidos por anos, especialmente quando não há conhecimento técnico por parte da escola e da família, o que impede diagnósticos precoces e intervenções eficazes. Hoje reflito que este pode ter sido o meu caso.

Durante a adolescência, tive um foco muito claro: aprimorar meus estudos e buscar uma vida com melhores oportunidades. Sempre me dediquei aos estudos e procurei maneiras de expandir meus conhecimentos. Além disso, minha fé sempre esteve presente na minha trajetória, e participei ativamente da igreja, assumindo responsabilidades como líder e componente de diversos grupos.

Mesmo na fase adulta, ainda noto traços de dificuldade de concentração durante a realização de tarefas, algo que consigo amenizar ouvindo músicas específicas para foco e produtividade. A melhora no meu desempenho começou apenas ao ingressar na faculdade, inicialmente no curso de Engenharia Elétrica. No entanto, foi ao migrar para Pedagogia que descobri minha verdadeira afinidade: apesar da facilidade com cálculos, análises e construção de *dashboards*, passei a me dedicar também à leitura, uma atividade que antes evitava por sentir dificuldade de interpretação. Esse processo de enfrentamento diário se transformou em um exercício contínuo de superação e autoconhecimento.

Lembro com clareza de como era desafiador realizar atividades que envolviam tanto cálculos quanto interpretação textual. Se uma tarefa apresentava um problema matemático com um enunciado extenso, aquilo se tornava um verdadeiro pesadelo para mim. Hoje, compreendo melhor esses desafios e sigo buscando formas de superá-los com estratégias cada vez mais eficazes.

Alguns professores enfrentavam desafios comigo, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, devido às minhas dificuldades na produção de texto e interpretação. Eu compreendia perfeitamente as regras gramaticais e outros aspectos teóricos da disciplina; no entanto, quando precisava escrever um texto, sentia uma grande insegurança e tinha dificuldades para organizar minhas ideias de forma coerente. Esse bloqueio me impedia de expressar plenamente o que queria dizer, tornando a escrita um desafio constante.

Na escola Sinopse, desenvolvi ainda mais minha paixão pela matemática, especialmente graças a uma outra professora chamada Ferreira, que utilizava dinâmicas envolventes para ensinar a tabuada. Através de métodos lúdicos e interativos, consegui assimilar os conteúdos de forma rápida e eficaz. Uma de suas estratégias era a realização de competições entre turmas, o que despertava nos alunos um espírito de desafio e motivação. Essa abordagem fez com que o aprendizado se tornasse mais leve, estimulante e prazeroso, incentivando cada estudante a se superar e aprimorar seus conhecimentos matemáticos.

A experiência vivida na escola Sinopse evidencia o impacto transformador que metodologias ativas e lúdicas podem exercer no processo de ensino-aprendizagem. Quando a professora Ferreira utilizava jogos, dinâmicas e competições para ensinar a tabuada, ela não apenas transmitia conteúdos matemáticos, mas também criava um ambiente de envolvimento emocional e cognitivo. Essa estratégia demonstra que aprender não precisa ser um processo mecânico ou cansativo; pelo contrário, pode ser significativo, motivador e até prazeroso.

Ao estimular o senso de desafio e colaboração por meio de competições entre turmas, a docente acionava mecanismos de motivação intrínseca nos alunos, que se sentiam desafiados a superar seus próprios limites. Esse tipo de prática aponta para uma concepção de aprendizagem centrada no aluno, em que ele deixa de ser um agente passivo e passa a atuar como protagonista do seu próprio desenvolvimento.

A reflexão que emerge dessa vivência é que o método de ensino precisa dialogar com a realidade e os interesses dos estudantes, como já defendia Paulo Freire (1996). Para Freire, a educação não pode ser neutra ou isolada da realidade do educando; ela deve partir da vivência

concreta dos estudantes, promovendo um diálogo autêntico entre professor e aluno. Essa educação vivenciada implica reconhecer o saber do estudante, suas experiências e contextos socioculturais, tornando o processo educativo um espaço de construção conjunta do conhecimento e de emancipação. Da mesma forma, Libâneo (1994) destaca que as metodologias ativas devem considerar o contexto sociocultural dos estudantes para promover uma aprendizagem significativa. Recursos lúdicos, quando bem aplicados, não apenas facilitam a assimilação de conteúdos abstratos, como também desenvolvem habilidades sócio-emocionais importantes como a autoconfiança, a resiliência e a capacidade de trabalhar em grupo. Em um cenário em que em grande parte ainda prevalece, em muitas escolas, a repetição mecânica e a memorização sem sentido, experiências como essa promovida pela professora Ferreira revelam o poder de uma prática pedagógica criativa, humanizada e transformadora.

A partir do 9º ano, percebi que precisava lutar ainda mais pelos meus sonhos. Meu maior desejo era passar no Instituto Federal do Maranhão (IFMA) e seguir uma trajetória acadêmica promissora. Esse desejo foi motivado pela vontade de ter um futuro diferente dos meus pais, que não tiveram a oportunidade de concluir seus estudos. Como eu e meu irmão tivemos infância difíceis, eu sempre o via como minha inspiração nos estudos, pois acompanhava sua jornada e o tanto que era complicado para ele também. Com a sua determinação, ele passou no IFMA para o curso técnico em Informática, na modalidade Integrada e, posteriormente, ingressou na UFMA e realizou a Faculdade de Direito e eu, de alguma forma, queria seguir seus passos

2.4 Trajetória no Ensino Médio e na formação técnica

O Ensino Médio, entre 2017 e 2019, foi um período de mudanças significativas na estrutura educacional do Brasil. O principal marco foi a aprovação da Reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017), que alterou a carga horária mínima para 1.000 horas anuais e introduziu os itinerários formativos, com a proposta de permitir que os alunos escolhessem áreas de conhecimento específicas para aprofundar seus estudos.

No entanto, essa medida tem gerado debates, especialmente quanto à capacidade das redes públicas de ensino em ofertar, de forma equitativa, todos os itinerários previstos. Em muitas escolas, principalmente nas regiões mais carentes, a limitação de infraestrutura, corpo

docente e recursos pedagógicos restringe as opções disponíveis aos estudantes, comprometendo o princípio da equidade e da real liberdade de escolha.

Durante esse período, o uso da tecnologia na educação se intensificou, com escolas adotando plataformas digitais e metodologias híbridas de ensino. Além disso, houve um grande foco na preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que já era a principal porta de entrada para universidades públicas e privadas, ao mesmo tempo em que passou a ter mais integração com a educação técnica, permitindo que os alunos fizessem cursos profissionalizantes ao mesmo tempo em que cursavam o ensino regular.

Como pudemos observar, o período entre 2006 e 2019 foi marcado por avanços significativos na educação brasileira, com investimentos em infraestrutura, tecnologia e metodologias de ensino. Minha trajetória escolar acompanhou essas mudanças e transformações, passando por diferentes fases da educação básica até a finalização do Ensino Médio, preparando-me para os desafios acadêmicos e profissionais futuros.

Não fui aprovada no IFMA na minha primeira tentativa, e essa foi uma das maiores tristezas que enfrentei na época. Diante disso, iniciei o Ensino Médio no Centro de Ensino Raimundo Soares, uma escola pública estadual. No entanto, não desisti do meu objetivo: continuei estudando com dedicação, mesmo sem o apoio de cursinho preparatório, já que na época não tinha condições financeiras para custear um. Antes de realizar a primeira tentativa para ingressar no IFMA, na modalidade integrada (ensino médio com curso técnico), participei de um curso preparatório oferecido pela própria instituição, o CEIDE, um programa voltado para alunos que estavam finalizando o 9º ano. Esse curso foi fundamental para me motivar e orientar.

Com muito esforço e apoio, especialmente da professora Jesus Bomfim, que me ajudou doando livros de matemática e tirando minhas dúvidas sempre que podia, consegui ser aprovada na modalidade concomitante do curso técnico em Eletromecânica. Isso significava que eu cursava o Ensino Médio no Raimundo Soares e, paralelamente, frequentava as aulas técnicas no IFMA. Foi um período desafiador, mas também de muito aprendizado e superação.

Figura 04 - Aula prática no IFMA



Fonte: Acervo pessoal

A imagem ilustra um momento desafiador vivenciado durante minha formação no ensino técnico, especificamente nas aulas práticas das disciplinas de Produção Mecânica I e II. Essa etapa foi marcada por intensas exigências físicas e cognitivas, exigindo dedicação. Ao relembrar esse período, reconheço o quanto essa vivência contribuiu significativamente para o desenvolvimento das minhas habilidades técnicas e para a construção de uma postura disciplinada e comprometida diante das responsabilidades profissionais.

O Instituto Federal do Maranhão (IFMA) – Campus Imperatriz, faz parte da rede de Institutos Federais criada pelo Governo Federal com o objetivo de ampliar a oferta de educação técnica e superior no país. Sua história remonta à expansão do ensino tecnológico, sendo um marco na formação profissional e acadêmica da região. No Brasil, a expansão da educação profissional foi impulsionada pela criação dos Institutos Federais, como o IFMA – Campus Imperatriz, que desde 2008 vem promovendo cursos técnicos e superiores voltados para a realidade econômica da região. A Lei nº 11.892/2008 reforça essa perspectiva, estabelecendo que a educação profissional deve garantir a formação cidadã, crítica e inovadora.

O IFMA tem suas origens na antiga Escola Técnica Federal do Maranhão, posteriormente transformada no Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET-MA). Em 2008, com a sanção da Lei nº 11.892, os CEFETs foram transformados em Institutos Federais, resultando na criação do IFMA, incluindo o campus de Imperatriz.

O Campus Imperatriz foi inaugurado oficialmente em 2008, fortalecendo a educação técnica e profissionalizante na região, tendo como propósito atender à crescente demanda por

formação qualificada no sul do Maranhão, especialmente devido ao crescimento industrial, comercial e agrícola da cidade e arredores.

A criação do IFMA na região retrata bem como a educação profissionalizante surge como uma resposta à necessidade de alinhar ensino e mercado de trabalho, possibilitando que os estudantes adquiram habilidades técnicas desde a juventude. No entanto, como Frigotto (2010, p. 58), "a educação profissional não pode ser vista apenas como uma formação instrumental para atender às demandas do mercado, mas como um processo formativo integral do ser humano". Isso implica reconhecer que a formação técnica deve estar imersa em um projeto educativo mais amplo, que considere o desenvolvimento crítico, ético e social dos estudantes, preparando-os para atuar não apenas como trabalhadores, mas como cidadãos conscientes de seu papel na transformação social.

Essa ampliação da visão sobre a educação profissionalizante torna-se fundamental para superar a fragmentação do ensino e promover uma integração entre conhecimento técnico, reflexão crítica e práticas sociais. Assim, o IFMA, ao oferecer educação profissional aliada a uma formação humanística, pode contribuir para que os estudantes não sejam apenas mão de obra qualificada, mas agentes ativos de desenvolvimento comunitário e social.

Vale ressaltar que, o ensino profissionalizante, além de preparar tecnicamente o aluno, também contribui para a mobilidade social, oferecendo oportunidades para aqueles que, por diversas razões, não têm acesso à Educação Superior tradicional. Assim, a formação técnica e tecnológica se consolida como um dos caminhos mais estratégicos para o desenvolvimento individual e coletivo.

Um dos principais motivos que me levaram a ingressar no curso técnico em Eletromecânica no IFMA foi por vê-lo como uma oportunidade de aprimorar meu currículo e me tornar mais competitiva no mercado de trabalho. Buscava, com isso, não apenas adquirir novos conhecimentos técnicos, mas também vivências práticas que ampliassem minhas experiências profissionais e aumentassem as chances de conquistar um emprego de qualidade.

O ano de 2019 foi o mais desafiador da minha vida: estudava pela manhã na escola regular, fazia o curso técnico no IFMA à tarde, exercia liderança em diversos ministérios da igreja, me preparava para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Passar no Instituto Federal do Maranhão (IFMA) foi uma das maiores conquistas da minha trajetória estudantil. Minha experiência na instituição foi bastante desafiadora, especialmente pela necessidade de conciliar o curso técnico com o Ensino Médio. Apesar das

dificuldades, tive aprendizados extremamente valiosos durante esse período. Sempre gostei de estudar no IFMA, tanto pelo ambiente acolhedor quanto pela qualidade dos conteúdos oferecidos.

Durante o ensino médio, enfrentei o desafio de equilibrar as exigências do currículo tradicional com as demandas do curso técnico. Minha escola de origem não apresentava um ensino deficiente no geral, mas havia uma lacuna significativa na área de Física, o que comprometeu parte da minha base nessa disciplina ao longo dos três anos. Foi no curso técnico que tive a oportunidade de realmente compreender e aprofundar os conteúdos de Física.

Essa experiência reforça uma realidade presente em muitas escolas brasileiras: a defasagem no ensino de disciplinas como física contribui diretamente para o baixo desempenho de muitos estudantes, inclusive nas provas do ENEM. Segundo o relatório do INEP (2024), a média nacional da nota em Física no ENEM tem sido consistentemente inferior à média das demais áreas de Ciências da Natureza, com muitos estudantes demonstrando dificuldades em compreender e aplicar conceitos básicos da disciplina. Além disso, um estudo do Censo da Educação Básica (2023) aponta que cerca de 30% das escolas públicas de ensino médio não possuem professor de Física atuante, o que compromete ainda mais a aprendizagem e a preparação dos alunos para o exame. Essa qualidade desigual do ensino, especialmente em áreas consideradas de maior complexidade, acaba afetando o acesso dos alunos à Educação Superior e a melhores oportunidades acadêmicas.

3 CONCILIANDO TRABALHO, ESTUDOS E SONHOS: UMA TRAJETÓRIA DE CRESCIMENTO E SUPERAÇÃO

Conciliar trabalho, estudos e sonhos é um desafio que exige disciplina, resiliência e, acima de tudo, propósito. Esta trajetória não se constrói de forma linear, mas por meio de vivências que se entrelaçam, transformando cada obstáculo em oportunidade de aprendizado e cada conquista em combustível para seguir em frente. Ao longo dessa jornada, a formação acadêmica, a experiência profissional e os valores espirituais se tornam pilares que sustentam não apenas a realização pessoal, mas também o compromisso com a transformação social.

Nesse sentido, conforme Freire (1987, p.78) “não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”, o que reforça a ideia de que a construção de um percurso de superação requer ação consciente e engajamento contínuo. Assim, este capítulo busca apresentar, de forma reflexiva e integrada, como essas dimensões se conectam, revelando um percurso marcado por superação, crescimento, esperança e fé.

3.1 Minha trajetória na Educação Superior

Mesmo diante de uma rotina exaustiva, consegui alcançar meu objetivo e fui aprovada para o curso de Engenharia Elétrica no IFMA, no período de 2019 para 2020, pouco antes do início da pandemia, lembro-me que para fazer a prova do ENEM, foram muitas noites estudando nos livros que tinha, anotações do caderno sobre os possíveis assuntos propostos, assistindo videoaulas no *Youtube*, pois, assim como não tinha condições financeiras de pagar um cursinho preparatório para passar no IFMA, eu também não tinha para fazer o ENEM, também me recordo que a escola Raimundo Soares, tentou realizar cursos aos sábados para ajudar estudantes que não tinham condições de pagar um curso, porém tivemos poucas aulas e foi pausado. Durante esse processo, enfrentei inúmeros desafios e, por diversas vezes, duvidei da minha capacidade. A carga de estudos, aliada às responsabilidades do dia a dia, me faziam acreditar que não conseguiria ser aprovada em nenhuma faculdade.

No entanto, algo sempre me fortaleceu: minha fé em Deus. Um versículo que carregava em meu coração e que me dava forças para continuar era “Ora, sem fé é impossível agradar a Deus” (Hebreus 11:6, Bíblia Sagrada, 2009). Essa passagem me lembrava constantemente que,

para seguir em frente e conquistar nossos sonhos, a fé é essencial. Foi essa crença que me motivou a não desistir, mesmo quando tudo parecia difícil.

Apesar da felicidade da aprovação, um novo desafio surgiu: o curso de Engenharia Elétrica era integral, o que exigiria uma reorganização completa da minha rotina. Essa situação me levou a refletir sobre meus próximos passos e como equilibrar os estudos com minhas outras responsabilidades.

No início, consegui conciliar minha rotina acadêmica ao transferir meu curso de eletromecânica para o período noturno, enquanto cursava Engenharia Elétrica pela manhã e tarde. No entanto, ao me aproximar dos 18 anos, comecei a refletir sobre o futuro, pois precisaria ingressar no mercado de trabalho.

Ao completar 18 anos, enfrentei um dos momentos mais desafiadores da minha vida. O ano era 2020, marcado pela pandemia da COVID-19, que colocou o mundo em um colapso sem precedentes. As medidas de isolamento social exigiam que todos permanecessem em casa, sem contato presencial com familiares e amigos. Esse período de reclusão se tornou, para mim, um momento de reflexão sobre minha vida pessoal e espiritual.

No ano de 2020, o Brasil, assim como o restante do mundo, enfrentou uma crise sanitária causada pela pandemia de COVID-19. Esse período foi marcado por um cenário de grande tristeza e incerteza, com impactos profundos na vida de milhares de pessoas. A propagação do vírus ocasionou a perda de inúmeras vidas, afetando profundamente diversas famílias, que se viram diante da dor da ausência e da necessidade de adaptação a uma nova realidade.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (2021), até o final de 2020, mais de 1,8 milhão de pessoas haviam morrido em decorrência da COVID-19 no mundo. No Brasil, segundo dados do Ministério da Saúde (2021), foram registradas cerca de 194 mil mortes até o término daquele ano.

Com o avanço da pandemia, foram implementadas medidas restritivas severas, como o *lockdown*, que impôs o isolamento social e limitou significativamente a circulação de pessoas. Atividades cotidianas, como a simples tarefa de ir ao supermercado, tornaram-se momentos de tensão e preocupação. A escassez de suprimentos, a corrida por medicamentos e alimentos, e o medo constante da contaminação tornaram-se parte da rotina. O uso obrigatório de máscaras faciais, a higienização constante das mãos com álcool em gel e a manutenção do distanciamento físico passaram a fazer parte da nova normalidade. A sensação de vulnerabilidade, o receio de

contrair o vírus e a incerteza quanto à sobrevivência causaram sofrimento psicológico intenso à população.

Durante esse período, o mundo praticamente parou. Muitas famílias, diante do isolamento e do fechamento de estabelecimentos, passaram a conviver mais intensamente em seus lares, buscando apoio mútuo para lidar com os desafios impostos pela pandemia. Esse momento histórico revelou a fragilidade da condição humana diante de eventos globais e reforçou a importância da solidariedade, da resiliência e da união familiar como formas de enfrentamento das adversidades. Diversos estudos confirmam que a pandemia de COVID-19 provocou efeitos intensos na saúde mental de adolescentes, com aumento de quadros de ansiedade, depressão e sentimentos de isolamento (Mathias, 2024; Ferreira, 2025).

Diante desse cenário, aproveitei o tempo em casa para me capacitar e buscar novos aprendizados. Realizei diversos cursos online, buscando desenvolver habilidades que me preparasse melhor para o mercado de trabalho. Com 18 anos, sabia que precisava dar meus próprios passos e construir minha independência. O aprendizado adquirido durante esse período desafiador reforçou minha resiliência e meu desejo de seguir em frente, sempre acreditando no poder da educação como ferramenta de transformação.

A compreensão sobre o poder transformador da educação foi sendo gradualmente construída a partir da minha própria vivência e das experiências familiares. Desde muito cedo, as palavras da minha mãe ecoavam com firmeza e esperança, ao afirmar que o estudo seria um dos principais caminhos para alcançar uma vida mais digna e promissora. Ela sempre nos incentivou a investir na formação educacional como forma de superar os desafios impostos pela realidade socioeconômica que nos cercava.

Esse estímulo constante à valorização do saber foi fundamental para consolidar em mim a convicção de que a educação não apenas amplia horizontes, mas também representa uma possibilidade concreta de ascensão social. Os ensinamentos e o exemplo de meus pais reforçaram a ideia de que, por meio dos estudos, poderíamos trilhar trajetórias diferentes das que eles vivenciaram, de certa forma era uma continuidade de seu legado e ao mesmo tempo uma evolução das oportunidades que lhes foram negadas.

A crise causada pela COVID-19 trouxe incertezas, mas também me fez perceber que, assim que a situação se estabilizasse, eu precisaria ingressar no mercado de trabalho para garantir minha independência financeira.

Com esse pensamento, compreendi que, para alcançar um padrão de vida melhor, eu precisaria tomar decisões estratégicas sobre minha formação. Foi então que, no final de 2020 para o início de 2021, decidi realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) novamente, buscando novas oportunidades que estivessem mais alinhadas com meus objetivos e com a necessidade de conciliar trabalho e estudo. Essa escolha também reflete um movimento de resistência frente às dificuldades estruturais que historicamente limitam o acesso e a permanência de estudantes trabalhadores na Educação Superior. Como analisa Maria Helena Souza Patto (1984), o sistema educacional brasileiro tende a produzir o fracasso escolar, especialmente entre os mais pobres, ao ignorar os contextos sociais que moldam o desempenho e o percurso dos alunos. É importante destacar que, em 2020, quando ingressei no curso de Engenharia Elétrica, caso tivesse conseguido uma bolsa de estudos com um valor significativo, talvez não tivesse precisado abandonar a graduação e poderia ter continuado minha formação e capacitação. No entanto, acredito que tudo acontece por um propósito, embora reconheça que essa bolsa teria sido fundamental para a continuidade dos meus estudos.

No início de maio do ano de 2021, precisei tomar uma decisão difícil: deixar Engenharia Elétrica e iniciar Pedagogia na UFMA, pois precisava trabalhar. A mudança não foi fácil, mas me fez enxergar uma nova perspectiva sobre a educação e o impacto que ela tem na sociedade.

A dificuldade de conciliar trabalho e estudo é uma realidade cotidiana para grande parte da juventude brasileira, especialmente nas camadas mais vulneráveis da população. Segundo dados do IBGE (2022), cerca de 30% dos estudantes universitários brasileiros também trabalham em tempo integral, sendo a maioria pertencente às classes C, D e E, e mais de 36% dos jovens entre 18 e 24 anos que trabalham não estudam, muitas vezes por incompatibilidade de horários, necessidade de renda e falta de políticas de permanência (IBGE, 2023). A sobrecarga e a exaustão física e emocional decorrentes dessa rotina muitas vezes resultam na evasão universitária.

Grande parte desses jovens opta por cursos noturnos, pois durante o dia precisam se dedicar a atividades laborais. No entanto, muitas universidades públicas ainda concentram seus cursos em período integral, o que dificulta o acesso de quem precisa trabalhar. No caso de cursos como Engenharia, Medicina e Odontologia, que são ofertados predominantemente em horário diurno, o ingresso e permanência tornam-se inviáveis para estudantes de baixa renda.

Nesse contexto, é comum que estudantes de classes populares desistam de seus sonhos iniciais e optem por cursos mais acessíveis à sua realidade, muitas vezes em faculdades

particulares com financiamento estudantil ou em cursos noturnos de universidades públicas, quando disponíveis. A permanência na universidade pública, portanto, ainda está fortemente relacionada ao poder aquisitivo e conseqüentemente às condições sociais da família, o que faz com que a maioria dos estudantes em cursos de alta concorrência ou período integral pertençam às camadas médias e altas da sociedade.

Como apontam autores que discutem a democratização da Educação Superior, como Gentili (2003) e Sguissardi & Silva Júnior (2009), o acesso às universidades públicas não deve se limitar ao ingresso. É fundamental que o Estado promova políticas públicas de permanência estudantil, como bolsas, alimentação, moradia estudantil e flexibilização de horários que garantam a continuidade dos estudos por parte de jovens trabalhadores. Sem essas medidas, a inclusão torna-se apenas formal, impedindo que muitos concluam seus cursos com qualidade e dignidade.

Nessa perspectiva, as discussões da disciplina de Educação e Trabalho, ministrada pela Professora Catiane Cinelli, especialmente as reflexões de Frigotto (2010), aprofundam a compreensão das barreiras estruturais que limitam a efetiva participação dos estudantes na Educação Superior. Frigotto destaca que a educação deve ir além da preparação técnica ou profissionalizante, configurando-se como um espaço de formação crítica que promova a emancipação social e o desenvolvimento integral do sujeito. Ele aponta que a inclusão social só é plena quando o sistema educacional se articula com políticas que considerem as condições concretas de vida dos estudantes trabalhadores, possibilitando uma educação que dialogue com suas realidades e necessidades.

Assim, a efetivação de uma outra educação, que transcenda o caráter seletivo e excludente, requer a construção de políticas públicas integradas que garantam não só o ingresso, mas a permanência, a conclusão e a formação crítica dos estudantes, especialmente daqueles em situação de vulnerabilidade social.

3.1.1 Os aprendizados no Curso de Pedagogia e as suas contribuições para minha formação

Ao decidir pela transferência de curso, enfrentei muitas críticas e questionamentos. Pessoas ao meu redor frequentemente me perguntavam, surpresas: "você realmente trocou Engenharia Elétrica por Pedagogia?". No início, essas indagações me deixaram inquieta, pois, por mais que a Engenharia Elétrica pudesse me proporcionar uma carreira promissora, eu sabia

que a Pedagogia também me oferecia oportunidades de crescimento. A grande diferença estava no propósito: escolhi Pedagogia com um objetivo claro, o de me aprimorar ainda mais no trabalho que já desenvolvia na igreja com as crianças.

Essa decisão foi baseada na minha trajetória e na convicção de que ensinar não é apenas transmitir conhecimento, mas construir caminhos para que o aprendizado aconteça de maneira significativa. Como afirma Paulo Freire (1996, p. 25): "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção". Essa citação reflete exatamente o que eu buscava ao optar pela Pedagogia: aprimorar minha forma de ensinar, tornando o aprendizado mais acessível, lúdico e transformador.

Como já mencionado anteriormente, trabalho com crianças desde a adolescência, atuando em diversas atividades dentro da igreja. Sempre gostei de ensinar, fosse através de aulas, ensaios do coral infantil ou até mesmo aulas particulares. Uma das experiências mais marcantes neste sentido foi ver um dos meus alunos ser aprovado no IFMA na modalidade integrada, o que reforçou em mim a certeza de que o ensino transforma vidas. Além disso, desde pequena, sempre gostei de brincar de escolinha com as crianças do meu bairro, o que, de certa forma, já demonstrava minha afinidade com o mundo da educação.

Todas essas experiências foram fundamentais para a minha escolha pelo curso de Pedagogia. Segundo Nóvoa (1995, p. 25), a construção da identidade profissional não acontece de forma isolada, mas é resultado das experiências vividas ao longo da trajetória de cada indivíduo: "A identidade profissional não se reduz a um conjunto de habilidades ou competências técnicas, mas se constrói no entrelaçamento de experiências pessoais, sociais e profissionais".

Isso significa que minha experiência como professora na igreja e minha paixão pelo ensino foram essenciais para essa escolha, pois o ensino não é apenas um ofício, mas uma missão que se constrói a partir da vivência e do compromisso com a aprendizagem do outro.

Sempre procurei explorar maneiras criativas de ensinar, e uma das estratégias que mais me trouxe resultados positivos foi o uso de histórias infantis. Ao finalizar cada narrativa com uma atividade lúdica, percebi que as crianças assimilavam o conteúdo com mais facilidade e entusiasmo. A partir dessa observação, passei a incorporar brincadeiras, gincanas, perguntas bíblicas e outras dinâmicas interativas, transformando cada ensinamento em uma experiência divertida, envolvente e, acima de tudo, significativa para os alunos.

Ao longo do tempo, fui percebendo que essa metodologia lúdica não apenas facilitava a aprendizagem, mas também despertava o interesse das crianças, tornando-as mais engajadas e participativas. Assim, compreendi que a Pedagogia não era apenas uma escolha acadêmica, mas um caminho alinhado com minha vocação e missão.

Durante o curso, tive a oportunidade de me aprofundar em disciplinas fundamentais, que contribuíram significativamente para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal. Algumas delas, como *Seminário Temático I, II e III* e *Seminário de Pesquisa*, lecionadas pelos professores Marileia Santos Cruz da Silva, Herli de Sousa Carvalho e José Edilmar de Sousa, respectivamente, foram essenciais para me ajudar a superar minha dificuldade com interpretação e produção de textos. Desde o Ensino Fundamental essa dificuldade era um desafio constante, mas com o tempo, através de leituras, livros e sendo autodidata, consegui evoluir consideravelmente nesse aspecto.

Outra disciplina que me marcou profundamente foi *Psicologia da Educação*, lecionada pela professora Simone Regina Omizzolo. Nela pude estudar como funciona o cérebro da criança, o que despertou em mim um interesse imenso sobre as dificuldades e transtornos de aprendizagem. Comecei a entender melhor as situações que enfrentei ao longo dos anos e percebi que muitos desses desafios estavam relacionados a esses transtornos. Isso despertou o desejo de me aprofundar nesse campo, com o objetivo de ajudar crianças que enfrentam dificuldades semelhantes, pois, segundo Siegel (2016), conhecer o funcionamento do cérebro infantil é um aspecto essencial para que se realizem intervenções eficazes no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças.

Além disso, disciplinas como *Ludicidade e Corporeidade* ministrada pela professora Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro e *Fundamentação da Educação Infantil* ministrada pelo professor, José Edilmar de Sousa, me proporcionaram uma compreensão mais ampla sobre a importância da brincadeira no desenvolvimento da criança. Foi com a leitura do livro *O brincar é fundamental*, de Luciana Brites (2020), que aprendi que a brincadeira é essencial para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças e que um desenvolvimento sensorio-motor adequado é crucial para evitar dificuldades à medida que a criança cresce.

Outros livros que também enriqueceram minha formação foram *O cérebro da criança* (2016), *O cérebro que diz sim* (2019) e *Parentalidade consciente* (2020), todos de Daniel Siegel, cujas obras me ajudaram a entender de forma mais clara o impacto das experiências emocionais e psicológicas no cérebro infantil. Essas experiências e leituras, juntamente com o

aprendizado prático nas disciplinas mencionadas, foram fundamentais para minha jornada acadêmica e para o aprimoramento das habilidades necessárias para ser uma educadora mais preparada e consciente.

Outra experiência fundamental em minha trajetória acadêmica foi a realização do estágio supervisionado, que se constitui como uma etapa essencial na formação do futuro pedagogo, ao permitir a articulação entre os conhecimentos teóricos estudados ao longo do curso e a prática concreta vivenciada nos espaços educacionais. Conforme destaca Pimenta (2012), o estágio deve ser compreendido como um espaço de formação crítica e reflexiva, que possibilita ao licenciando desenvolver uma leitura analítica da realidade escolar e uma prática pedagógica consciente e transformadora.

Por meio dessa experiência, o estudante tem a oportunidade de observar, refletir e atuar de maneira crítica nas diferentes dimensões do ambiente escolar, desenvolvendo competências que vão além do domínio de conteúdo: habilidades como liderança, comunicação, tomada de decisão, resolução de conflitos e capacidade de mediação passam a ser mobilizadas em situações reais. O estágio também possibilita ao licenciando compreender os desafios cotidianos da prática pedagógica e da gestão escolar, fortalecendo sua identidade profissional e sua autonomia docente.

Por mais que tenha deixado Engenharia Elétrica para cursar Pedagogia, minha decisão foi motivada pelo desejo de trabalhar e conquistar minha independência financeira. No início, consegui conciliar emprego e faculdade no período noturno, mas, ao descobrir que o curso exigia três estágios obrigatórios, fui tomada por uma sensação de insegurança. Logo surgiram as perguntas: como conseguiria sair do emprego para realizar os estágios? E se eu perdesse minha principal fonte de renda? Como concluir minha faculdade sem recursos?

Diante dessas preocupações, senti um pequeno arrependimento. Escrevendo este trecho de meu memorial me recordei de Passeggi (2011, p. 86), que explica que a escrita autobiográfica nos permite revisitar nossas decisões e compreender as dificuldades do percurso formativo: “as narrativas pessoais são formas de construção do conhecimento que possibilitam ao sujeito ressignificar suas experiências e compartilhar saberes que contribuem para a construção de identidades e trajetórias formativas”. Foi exatamente isso que aconteceu comigo. Olhando para trás, percebo que minha angústia naquele momento era fruto da incerteza, da pressão por estabilidade financeira e do receio de não conseguir concluir o curso, não era um arrependimento pela minha escolha.

Infelizmente, o impacto dessa insegurança me levou a adiar a realização dos estágios, pois não sabia como conciliá-los com minha carga horária no trabalho. Somente no 8º período, quase no encerramento dos módulos do curso, consegui realizar o primeiro estágio voltado para Gestão e Organização de Sistemas e Unidades Escolares.

O estágio supervisionado em Gestão representa uma etapa fundamental na formação docente, pois possibilita ao estudante compreender o funcionamento estrutural e organizacional das instituições escolares para além da sala de aula. Essa vivência amplia a visão sobre os processos administrativos, pedagógicos e burocráticos que sustentam a rotina escolar, permitindo ao futuro pedagogo desenvolver uma percepção crítica sobre a gestão democrática, a elaboração de projetos político-pedagógicos e a articulação entre os diferentes segmentos da comunidade escolar. Conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Pedagogia (Brasil, 2006), o estágio em gestão deve proporcionar ao licenciando a oportunidade de analisar a escola como um espaço coletivo, atravessado por políticas educacionais, práticas institucionais e dinâmicas sociais.

Meu estágio em gestão foi uma experiência desafiadora, pois, apesar de minha vivência com crianças na igreja, nunca havia tido contato com a rotina administrativa de uma escola. Mesmo que esse estágio não envolvesse o ensino direto em sala de aula, precisei analisar o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da instituição, a estrutura física e outros aspectos para embasar meu projeto de intervenção. Minha primeira experiência escolar aconteceu na Escola Frei Manoel Procópio, localizada no perímetro da Beira Rio.

Felizmente, meu local de trabalho foi flexível e me permitiu realizar o estágio. Aproveitei essa oportunidade para refletir sobre uma questão essencial: será que eu realmente queria atuar como professora em sala de aula? Afinal, até então, minha experiência com crianças era restrita ao ambiente religioso, ministrando aulas na igreja, uma realidade bastante diferente da rotina escolar.

Durante esse estágio, tive apenas uma experiência breve em sala de aula. No dia 5 de dezembro de 2024, fui responsável por passar algumas atividades para as crianças, pois a professora titular estava em formação na Secretaria Municipal de Educação (SEMED). Gostei da experiência, mas percebi que não me identificava completamente com a sala de aula. No entanto, ainda era cedo para tomar uma decisão definitiva. Essa questão se tornou mais clara quando ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), atuando na Escola Tiradentes II, localizada no bairro Bacuri. Nesse programa, o foco era a alfabetização

das crianças do 1º ano, o que me permitiu vivenciar, de fato, a experiência de estar na sala de aula diariamente. Foi um grande desafio, e ao final do processo, fiquei em dúvida se realmente queria seguir a docência como carreira.

Essa incerteza me levou a questionar: qual o propósito de cursar Pedagogia se eu não desejava atuar em sala de aula? No entanto, ao retomar as reflexões feitas no início deste memorial, percebi que um dos meus principais objetivos ao ingressar no curso era me especializar para aprimorar meu trabalho com as crianças na igreja. Além disso, a Pedagogia é uma área ampla, que permite atuação em diferentes contextos além da docência. Como apontam Pimenta e Anastasiou (2014, p. 49): "A formação docente deve ser compreendida em uma perspectiva mais ampla, que envolva não apenas a sala de aula, mas diferentes espaços educativos e possibilidades de atuação profissional". Ou seja, minha trajetória na Pedagogia não precisa ser limitada à atuação em sala de aula.

Figura 05 - Estágio em gestão (projeto de intervenção: Natal solidário)



Fonte: Acervo pessoal

Esta imagem registra uma etapa essencial da minha formação em Pedagogia: o estágio na área de gestão escolar, que marcou meu primeiro contato direto com o ambiente escolar como futura profissional da educação. A fotografia representa o desenvolvimento e a execução de um projeto de intervenção intitulado *Natal Solidário*, realizado com crianças da comunidade escolar. A ação incluiu contação de histórias, atividades lúdicas e a entrega de lembranças, promovendo momentos de alegria, inclusão e afetividade. Essa experiência foi decisiva para a construção do meu olhar sensível sobre o papel social da escola e reforçou meu compromisso com uma prática pedagógica humanizada e transformadora.

Embora a carência de professores na educação básica seja uma realidade, reconheço que nem todos possuem afinidade com essa função, e isso não significa falta de vocação, mas sim um reconhecimento das habilidades e preferências individuais. Isso não quer dizer que não possa vir atuar como docente em uma escola regular, pois, como afirma Tardif (2014, p. 36), a identidade do educador é construída ao longo da experiência profissional e pode sofrer mudanças conforme novas oportunidades surgem: "A construção da identidade docente não é um processo fixo ou linear, mas uma trajetória em constante transformação, moldada pelas interações, pelos desafios e pelas escolhas profissionais feitas ao longo da vida".

Minha decisão foi não atuar diretamente em sala de aula no momento, mas isso não significa que essa escolha seja definitiva. A vida profissional é dinâmica, e tudo pode mudar. Atualmente, gosto do meu ambiente de trabalho, onde atuo como Analista de CX (Qualidade), auxiliando na organização dos processos da empresa e na sua estruturação. No entanto, reconheço que o futuro reserva muitas surpresas e minha trajetória na Pedagogia ainda pode me levar a caminhos inesperados.

O estágio em Educação Infantil, realizado na Escola Municipal Jair Rosignoli, localizada no bairro Santa Inês, foi um momento decisivo para reafirmar minha escolha de, neste momento, não atuar em sala de aula. Diversos fatores contribuíram para essa decisão, os quais só pude compreender plenamente ao vivenciar essa experiência na prática. A desvalorização do professor, infelizmente, ainda é uma realidade presente. Questões como indisciplina dos alunos, ausência de apoio familiar, sobrecarga emocional e a baixa valorização salarial foram aspectos que me impactaram profundamente e reforçaram reflexões iniciadas na disciplina "Formação de Professores". Pude perceber que o docente, muitas vezes, carrega uma carga extremamente pesada e enfrenta desafios que vão além do ensino de conteúdos.

Figura 06 - Estágio em Educação Infantil (regência)



Apesar da minha decisão de não seguir em sala de aula no momento, reconheço que o estágio foi extremamente valioso para minha formação. A etapa de regência foi realizada em duas turmas: Maternal II e 2º Período, ambas no turno matutino. Essa vivência me mostrou que o trabalho do professor exige não apenas domínio dos conhecimentos pedagógicos, mas também preparo emocional para lidar com situações adversas, como a indisciplina, a carência afetiva e a diversidade de perfis entre os alunos.

Durante a regência, pude experimentar a ministração de aulas, a contação de histórias, a mediação de conflitos e o acolhimento de crianças com dificuldades de aprendizagem e transtornos de desenvolvimento. Entendi, com maior profundidade, que o professor assume múltiplos papéis: educador, cuidador, conselheiro e, muitas vezes, apoio emocional. Conhecer cada aluno, saber identificar quando algo não está bem e compreender suas realidades é essencial para promover um ensino mais humano e inclusivo. Essa etapa reafirmou o quanto ainda precisamos avançar, enquanto sociedade, na valorização e no suporte aos profissionais da educação e na melhoria da qualidade do ensino no Brasil.

O estágio contribuiu fortemente para minha formação, não apenas por permitir o contato direto com a realidade escolar, mas por me proporcionar uma visão mais ampla e crítica sobre os desafios enfrentados pelo profissional da educação. Essa experiência me fez compreender, com mais profundidade, que a prática docente vai além do ensinar conteúdos, envolve lidar com contextos sociais complexos, relações humanas intensas e, muitas vezes, uma rotina marcada por carência de apoio institucional.

Quando há desvalorização do profissional, seja por meio de baixos salários, sobrecarga de funções, falta de reconhecimento ou ausência de políticas de suporte, torna-se compreensível que muitos optem por não permanecer em sala de aula e busquem alternativas mais viáveis e sustentáveis para sua vida profissional. Segundo Tardif (2014), a precarização das condições de trabalho docente impacta diretamente a motivação e a permanência dos professores na carreira, refletindo-se negativamente na qualidade do ensino. Além disso, Nóvoa (1992) destaca que a formação continuada e o reconhecimento social são elementos essenciais para fortalecer a identidade profissional do educador e promover uma prática docente comprometida e transformadora. Essa constatação, vivenciada diretamente no estágio, fundamenta minha decisão de seguir por outros caminhos, ainda que eu continue valorizando profundamente a importância da docência e reconhecendo sua função social transformadora.

3.2 Experiência profissional: trabalhar, estudar e sonhar — formar-se no movimento da vida

Em 2021, quando estava finalizando meu curso técnico de eletromecânica, fui contratada como estagiária na empresa Milenium Veículos, o que representou meu primeiro contato com o mercado de trabalho. Com o passar do tempo, fui crescendo profissionalmente e assumi funções como Analista de Garantia, Auxiliar de CRM (*Customer Relationship Management*) e, mais recentemente, Analista de *Customer Experience* (CX). Em julho de 2025, completei quatro anos de atuação na empresa onde trabalho atualmente e essa trajetória me permitiu compreender o mundo do trabalho de forma mais profunda, tanto em seus desafios quanto em suas possibilidades de crescimento pessoal e profissional.

Figura 07 - Ministração de treinamento de processos em Balsas - MA



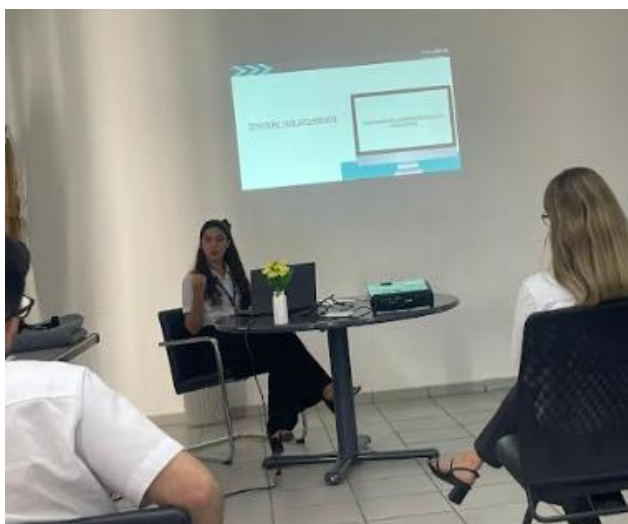
Fonte: Acervo pessoal

No meu trabalho atual, atuo diretamente com gestão e formação de pessoas. Preciso ensinar e orientar cada colaborador sobre a importância da qualidade em suas atividades diárias, não apenas nos processos, mas também nas relações interpessoais e no comprometimento com os objetivos da empresa, além disso preciso entender e compreender a jornada do cliente durante toda a passagem na empresa.

A graduação em Pedagogia tem sido fundamental nesse contexto, pois me proporciona ferramentas para compreender as individualidades de cada pessoa, identificar possíveis dificuldades e adotar abordagens mais eficazes de comunicação e aprendizagem. Assim, pude perceber que a Pedagogia vai além do espaço escolar: ela contribui para a formação humana e para o desenvolvimento profissional em diversos contextos, inclusive no mundo corporativo.

Ao mesmo tempo, percebo como minha base na área técnica também contribui para o meu olhar analítico e prático diante dos problemas.

Figura 08 - Ministração de treinamentos de processos em Imperatriz - MA



Fonte: Acervo pessoal

Conciliar trabalho e faculdade não tem sido fácil, exige renúncia, disciplina e resistência. Mas acredito que essa vivência também é formativa: aprendi a ser mais resiliente, mais comprometida e mais consciente do meu próprio processo de desenvolvimento. A educação e o trabalho tornaram-se pilares inseparáveis da minha vida.

Um pensamento que sempre me acompanha é que *fácil não é, e nunca será. E que para alcançar uma carreira de sucesso, é essencial ter determinação e foco, o que frequentemente exige abrir mão de momentos prazerosos em prol de objetivos maiores.* A experiência de conciliação entre trabalho e estudo reflete bem este pensamento, pois é, sem dúvidas, um dos maiores desafios da minha trajetória. Tive que abrir mão de muitas coisas, mas, apesar de ser difícil, tenho consciência de que é também extremamente necessário.

Em um mundo regido pela lógica capitalista, onde o acesso às oportunidades está cada vez mais condicionado à qualificação profissional, estudar e trabalhar ao mesmo tempo se torna uma exigência para quem deseja romper com ciclos de vulnerabilidade e construir uma trajetória de autonomia. Para muitos jovens da classe média e, sobretudo, das classes populares, como é o meu caso, essa conciliação não é uma escolha, mas uma condição de existência: se não trabalhamos, não temos sustento; se não estudamos, não temos perspectiva.

No entanto, essa realidade merece uma problematização crítica. A Teoria do Capital Humano, que fundamenta a ideia de que investir em educação é sinônimo de aumento da produtividade e melhores condições no mercado de trabalho, apresenta limitações importantes. Como destaca Frigotto (2010), essa teoria tende a reduzir a educação a um instrumento de formação técnica e adaptação ao mercado, desconsiderando as desigualdades estruturais que afetam o acesso e a permanência dos jovens trabalhadores na Educação Superior. Para muitos, o simples fato de conciliar trabalho e estudo não garante a superação das barreiras sociais, pois as condições de vida, a precariedade do trabalho e a falta de políticas públicas adequadas criam um cenário em que a educação, apesar de necessária, não é suficiente para garantir mobilidade social.

Assim, é fundamental compreender que a educação deve ser pensada para além da lógica do capital humano, incorporando uma perspectiva crítica que reconheça as desigualdades e promova uma formação que dialogue com as necessidades e desafios reais dos estudantes trabalhadores, possibilitando não só sua inserção no mercado, mas também sua emancipação social.

Figura 09 - Visitando a fábrica de automóveis Stellantis em Betim - MG



Fonte: Acervo pessoal

Essa realidade, ainda que exaustiva, também é formativa. Ela ensina sobre responsabilidade, sobre renúncia e, principalmente, sobre esperança ativa que se constrói no esforço cotidiano de quem acredita que o futuro pode ser diferente. Reconheço que essa não é

a realidade de todos, mas é a de muitos, e é nela que reside também a potência transformadora da educação como instrumento de mobilidade social e de resistência.

A educação e o trabalho são dimensões inseparáveis da vida humana, pois a escola tem um papel essencial na formação de cidadãos, tornando-os aptos para atuar na sociedade. Saviani (2008, p. 87) afirma que “a educação, em sua essência, sempre esteve ligada ao trabalho, seja para a reprodução do conhecimento acumulado, seja para a criação de novas formas de produção e organização social”. Isso significa que, ao longo da história, a educação não apenas preparou indivíduos para desempenhar funções específicas, mas também contribuiu para o desenvolvimento crítico e transformador das relações de trabalho e da sociedade.

Na contemporaneidade, com as mudanças tecnológicas e a globalização, o mercado exige profissionais cada vez mais qualificados. Karl Marx (2023, p. 238) já destacava que “o trabalho é a essência da existência humana, e sua qualificação determina não apenas a sobrevivência, mas a capacidade de transformação da realidade”. Mas também chama atenção para a forma como o capitalismo pode alienar o trabalhador, reduzindo sua atividade a uma mercadoria e comprometendo sua capacidade de autonomia e transformação social. Por isso, investir em educação não deve ser entendido apenas como preparação técnica para o mercado, mas como um processo que possibilite o desenvolvimento crítico do indivíduo, garantindo condições dignas de inserção e potencializando sua capacidade de transformar a realidade social e econômica.

Mas é com Frigotto (1984), em *A produtividade da escola improdutiva*, que aprofundo minha reflexão sobre o papel da escola e da formação profissional. Ele argumenta que, em uma sociedade capitalista, a escola muitas vezes cumpre uma função aparentemente contraditória: ao mesmo tempo que promete emancipação e qualificação, ela acaba por reproduzir desigualdades sociais, ao formar sujeitos para a lógica da produtividade e da adaptação, muitas vezes sem promover uma real criticidade. Essa análise me faz refletir sobre minha própria trajetória: estou me formando para me inserir (e permanecer) em um mercado exigente, mas também desejo transformar esse espaço com uma visão mais humanizada e crítica.

No entanto, no cenário social contemporâneo, a escolarização deixou de ser uma garantia automática de ascensão social. O aumento do número de profissionais qualificados exercendo trabalhos com vínculos instáveis, aliado à disseminação de discursos que exaltam o empreendedorismo individual como solução universal, evidencia como as condições estruturais do mercado de trabalho muitas vezes esvaziam o valor da qualificação formal. Frigotto (2010)

analisa esse fenômeno como parte do “rejuvenescimento da teoria do capital humano” no contexto do capitalismo tardio, no qual o insucesso é atribuído ao indivíduo, ocultando as desigualdades históricas e estruturais que limitam a mobilidade social.

Assim, meu trabalho atual não só contribui para minha formação prática, como também me desafia a pensar pedagogicamente as relações de poder, de saber e de trabalho. Tenho aspirações de crescer na área de desenvolvimento humano, talvez unindo os conhecimentos da Pedagogia e da Gestão Organizacional. Acredito que o trabalho, sim, nos forma, mas também pode nos deformar quando não é mediado pela ética, pelo respeito à dignidade humana e pela educação crítica. Por isso, o papel da escola, mesmo fora do espaço formal de ensino, é fundamental: ela continua viva na forma como educamos nas empresas, nas relações e na vida.

Além disso, gostaria de destacar um aspecto muito especial da minha trajetória: através do meu trabalho e do que conquistei com esforço, pude realizar parte de um sonho de infância que carreguei por muitos anos. Desde pequena, sempre fui fascinada por aviões e pelo universo das viagens. No entanto, durante toda a minha adolescência, mantive esse sonho guardado, quase em segredo, por saber que, naquele momento, ele estava além das minhas possibilidades financeiras.

Aos 17 anos, manifestei o desejo de prestar o vestibular para o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA), mas, devido às limitações de renda e à preocupação da minha mãe, não pude seguir adiante. Escolhi, então, trilhar um caminho igualmente significativo para mim e pelo qual também tinha afinidade: a pedagogia. Sempre gostei de crianças, e educar se tornou, uma vocação que abracei com amor e propósito.

Com o ingresso no mercado de trabalho, algo surpreendente aconteceu: comecei a viajar com frequência de avião. Cada decolagem reacendia em mim aquele antigo sonho. Tive, inclusive, a alegria de visitar a cabine de uma aeronave, uma experiência simbólica que resgatou aquela criança sonhadora que ainda existe em mim.

Por isso, aos 22 anos, mesmo sabendo das exigências do exame, decidi realizar a prova do ITA, em São Luís. Viajei sozinha, determinada a honrar o desejo daquela menina de 17 anos que, no passado, não teve a chance. Não fui aprovada, mas vivi uma das experiências mais marcantes da minha vida. Pisar naquele ambiente de provas, sentar-se diante da avaliação de um dos concursos mais exigentes do país foi, para mim, a concretização de um sonho que ultrapassa resultados.

No entanto, é importante refletir que, para grande parte da classe trabalhadora brasileira, o acesso a concursos e profissões consideradas elitizadas permanece distante e inacessível. As desigualdades sociais estruturais, que envolvem desde o acesso desigual a uma educação básica de qualidade, passando pela falta de recursos para cursos preparatórios, até as dificuldades de conciliar trabalho, estudo e vida pessoal, configuram barreiras que muitas vezes inviabilizam a participação em certames como o ITA. Como escreveu Paulo Coelho: “É justamente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante” (1988, p. 22). Mas para que esse sonho seja acessível a todos, é necessário enfrentar essas desigualdades e promover políticas públicas efetivas que ampliem as oportunidades para os jovens da periferia e das classes populares.

Figura 10- Cartão de inscrição do ITA (indo realizar a prova)



Fonte: Acervo pessoal

Hoje, compreendo que não se trata apenas de conquistar metas, mas de honrar nossos desejos mais profundos, mesmo que isso signifique, simplesmente, dar a si mesma a chance de tentar. Foi o que fiz e jamais esquecerei.

Figura 11 - Visita à cabine do avião





Fonte: Acervo pessoal

Visitar a cabine de uma aeronave foi muito mais do que uma simples experiência, foi a concretização de um sonho acalentado por anos. Desde criança, imaginava com curiosidade e admiração como seria estar naquele espaço reservado, repleto de instrumentos e comandos. No momento em que tive a oportunidade de entrar e conhecer de perto esse ambiente, senti uma profunda realização e uma felicidade imensa, como se um desejo antigo ganhasse forma diante dos meus olhos. Essa vivência ficará eternamente marcada na minha memória como um símbolo de superação e conquista pessoal.

3.3 Vida cristã e educação como caminhos de fé, valores e transformação social

Desde pequena minha fé sempre foi um alicerce fundamental. Aos três anos de idade comecei a frequentar a Congregação Jeová Nissi, pertencente à Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Imperatriz (IEADI), onde minha mãe era líder do departamento infantil na Jeová Nissi.

A congregação foi fundada em 2006, integrando-se à estrutura da Assembleia de Deus - Templo Central, que é a sede administrativa das igrejas Assembleia de Deus na cidade de Imperatriz - MA. A Assembleia de Deus é uma das maiores denominações evangélicas do Brasil e tem suas raízes no movimento pentecostal. Fundada em 1911, na cidade de Belém (PA), pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, a igreja foi profundamente influenciada pelo pentecostalismo norte-americano. Seu crescimento foi notável ao longo do século XX, alcançando todo o território nacional por meio de um forte movimento missionário e do engajamento ativo de seus fiéis (Mariano, 2004).

Atualmente, a Assembleia de Deus é considerada a maior igreja evangélica do Brasil, com cerca de 22,5 milhões de membros, segundo estimativas da própria denominação

publicadas pelo Senado Federal e órgãos de imprensa especializados (Senado Federal, 2023; Guiame, 2023). Mundialmente, ela reúne aproximadamente 64 milhões de fiéis, distribuídos em mais de 351 mil igrejas e células em 217 países. No Brasil, essa expansão se traduz em milhares de templos e células locais organizadas por ministérios estaduais e regionais, com atuação expressiva nas áreas de evangelização, educação bíblica e ação social.

A chegada da Assembleia de Deus a Imperatriz, remonta à década de 1940, quando missionários começaram a pregar na região. O crescimento da igreja foi gradual, acompanhando o desenvolvimento da cidade e a migração de famílias em busca de novas oportunidades econômicas. A primeira igreja da Assembleia de Deus, em Imperatriz, foi oficialmente fundada em 1945, tornando-se um dos principais centros de fé e evangelização na cidade.

Atualmente, a Assembleia de Deus em Imperatriz exerce um papel fundamental na vida religiosa e social da comunidade. Para além das atividades litúrgicas, a igreja pauta sua atuação em princípios cristãos como o amor ao próximo, a solidariedade e a transformação de vidas por meio da fé em Jesus Cristo. Sua missão é evangelizar, promover a comunhão espiritual e contribuir com a formação moral e ética dos indivíduos, fortalecendo valores como humildade, compaixão e esperança.

Além disso, a igreja desenvolve diversas ações sociais, como o apoio a famílias em situação de vulnerabilidade, projetos educacionais voltados à alfabetização e à inclusão social e programas de recuperação e reintegração de pessoas com dependência química. Todas essas iniciativas refletem o compromisso da igreja com uma fé ativa, que busca não apenas alcançar corações, mas também transformar realidades.

Minha jornada na igreja foi se fortalecendo ao longo dos anos: aos 11 anos, tornei-me vice-líder do Coral Infantil; aos 13 anos, comecei a dar aula na Escola Bíblica Dominical (EBD), onde comecei a ensinar às crianças e aos 18 anos, já liderava grupos de coreografia e dança infantil.

Figura 12 - Tia Danny na ministração de história bíblicas



Fonte: Acervo pessoal

Figura 13 - Liderança de grupos de coreografias (Blindagem espiritual, Serafins e Primícias)





Fonte: Acervo pessoal

Foi nesse ambiente que comecei a desenvolver estratégias pedagógicas para ensinar crianças. A brincadeira se tornou uma ferramenta essencial em minha atuação como docente, tanto na igreja quanto nas minhas práticas acadêmicas. Descobri que a ludicidade é uma forma poderosa de aprendizagem, e isso reforçou minha visão sobre o papel transformador da educação. Como já relatado, além das brincadeiras, gostava também de estudar sobre o desenvolvimento do cérebro infantil, por isso, passei a me dedicar à leitura de livros que enriqueceram meu conhecimento sobre o cérebro da criança, como a obra de Daniel Siegel. Tudo o que aprendia na universidade e com as minhas leituras, sempre praticava com as crianças da igreja.

A centralidade da brincadeira em minha prática docente na igreja advém do fato de que pude compreender que, além de promover o desenvolvimento integral, o brincar também é uma ferramenta poderosa para a aprendizagem. Através de atividades lúdicas, as crianças adquirem habilidades sociais e emocionais que são fundamentais para a vida em sociedade. Segundo Gardner (1983):

As brincadeiras e jogos infantis oferecem oportunidades para o desenvolvimento de múltiplas formas de inteligência. Na brincadeira, a criança experimenta a linguagem, a lógica, a interação social e a criatividade de maneira integrada. Esses momentos lúdicos permitem que a criança desenvolva habilidades não apenas de forma isolada, mas como parte de um processo global de aprendizagem que integra diferentes aspectos de sua inteligência. Assim, o brincar é fundamental para que a criança explore e desenvolva suas múltiplas inteligências, preparando-se para desafios futuros tanto no âmbito pessoal quanto social (Gardner, 1983, p. 25).

Por exemplo, brincadeiras em grupo ensinam as crianças a negociar, compartilhar, trabalhar em equipe e resolver conflitos. Essas interações lúdicas oferecem oportunidades valiosas para o desenvolvimento de habilidades sociais como comunicação eficaz, escuta ativa

e cooperação. Em termos emocionais, o brincar também ensina as crianças a lidar com frustrações e a celebrar sucessos, promovendo um desenvolvimento emocional equilibrado.

No que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem e da criatividade, o brincar oferece um ambiente ideal para que as crianças experimentem novas palavras e estruturas linguísticas. Jerome Bruner (1996) destaca que o brincar é fundamental para o desenvolvimento da linguagem, pois permite que as crianças experimentem a linguagem de forma flexível e criativa. Jogos de faz de conta, onde as crianças criam e narram histórias, são especialmente eficazes nesse aspecto, incentivando a experimentação e o uso criativo da linguagem.

Esses conhecimentos adquiridos durante minha formação acadêmica, especialmente os relacionados ao desenvolvimento infantil, à ludicidade e à linguagem, ampliaram significativamente minha atuação na igreja. Hoje, consigo planejar atividades mais estruturadas e sensíveis às necessidades de cada criança, promovendo um ambiente de acolhimento e aprendizagem efetiva. Por exemplo, passei a incorporar jogos simbólicos nas aulas da Escola Bíblica Dominical, como dramatizações de histórias bíblicas, que estimulam a imaginação, a linguagem e a expressão emocional das crianças. Além disso, vejo como essencial conhecer cada criança com quem trabalho na igreja.

Atuar com elas na Escola Bíblica Dominical é, sem dúvida, uma das minhas maiores paixões, eu realmente amo esse ambiente. Mesmo diante das dificuldades, considero extremamente válido reconhecer que cada criança possui diferentes formas de aprender. Por isso, mesmo com a correria entre trabalho e faculdade, busco sempre adaptar minhas aulas, variando a metodologia e o formato. Procuo preparar atividades diferentes a cada encontro e, ao longo ou ao final das aulas, realizar dinâmicas que incentivam a aprendizagem dos conteúdos trabalhados, tornando o processo mais leve, significativo e prazeroso para elas.

Figura 14– EBD (Escola Bíblica Dominical)



Figura 15 - Liderança do Coral Infantil Jeová Nissi



Fonte: Acervo pessoal

De acordo com Vygotsky (1991), o brincar é uma atividade fundamental por meio da qual a criança se apropria da cultura, vivencia papéis sociais e desenvolve funções psicológicas superiores, o que evidencia a importância das práticas lúdicas para a aprendizagem e o desenvolvimento infantil. Dessa forma, percebo que a educação cristã que vivencio e aplico com as crianças da igreja não apenas transmite valores espirituais, mas também contribui para a formação integral de cada uma, fortalecendo sua autoestima, suas habilidades sociais e sua capacidade de aprender de maneira prazerosa e transformadora, ser amada por essas crianças é o que me anima a estar com elas.

3.4 Religião, educação e a emancipação humana

A relação entre religião e emancipação humana é profunda, complexa e historicamente significativa. Longe de ser apenas uma prática espiritual ou ritual, a religião pode representar um caminho de libertação pessoal, ética e social. Em muitas culturas, ela fornece os fundamentos morais que inspiram a dignidade humana, a justiça, o respeito ao próximo e a busca por uma vida plena e significativa.

No contexto da fé cristã, por exemplo, a emancipação humana é entendida como a libertação do egoísmo, da opressão, da ignorância e da indiferença. O Evangelho de Cristo anuncia uma nova humanidade baseada no amor, na igualdade e na fraternidade. Jesus Cristo é apresentado como aquele que veio “proclamar liberdade aos cativos” (Lucas 4:18), oferecendo não só salvação espiritual, mas também uma proposta concreta de transformação da sociedade.

Religiões, de forma geral, podem servir como fonte de resistência contra injustiças sociais e promover o protagonismo das pessoas na construção de um mundo melhor. Muitos movimentos sociais e lutas por direitos humanos tiveram suas raízes em valores religiosos, processo contundente na América Latina, que tem no diálogo entre a Teologia da Libertação e a obra de Paulo Freire um dos mais belos exemplos. Ambos representam vertentes que articulam espiritualidade, ética e compromisso sócio político, reconhecendo nos pobres não apenas vítimas da estrutura social excludente, mas sujeitos históricos de sua própria libertação.

Paulo Freire, educador cristão comprometido com a transformação da realidade opressora, não apenas se reconhecia como homem de fé, mas partilhava os fundamentos de uma ética radicalmente libertadora, em consonância com os princípios teológicos elaborados por autores como Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff e Enrique Dussel. Como enfatiza De Caires (2021), ao integrar a tradição cristã à práxis marxista de análise social, Freire constrói uma pedagogia que pode ser compreendida dentro do que Michael Löwy define como visão social de mundo do cristianismo de libertação, um paradigma ético-teológico que vincula fé, utopia e transformação social.

Essa articulação não é meramente biográfica ou circunstancial. Trata-se de uma convergência teórica e metodológica na qual a educação crítica freireana assume o compromisso com os marginalizados como categoria estruturante. A partir da opção preferencial pelos pobres, conceito central da Teologia da Libertação, a Pedagogia do Oprimido assume contornos de uma práxis cristã que se volta contra as estruturas idolátricas do capital e a favor de uma sociedade justa e solidária.

No entanto, é importante considerar como diferentes tradições religiosas, como a Assembleia de Deus, se relacionam com essa perspectiva. Historicamente, a Assembleia de Deus, enquanto denominação pentecostal conservadora, apresenta uma abordagem distinta da Teologia da Libertação, marcada por tensões e posicionamentos menos engajados nas lutas sociais estruturais. Apesar disso, há nuances e possibilidades de diálogo que revelam a complexidade desse campo religioso e social.

Por outro lado, a emancipação humana também exige que a religiosidade não seja usada para oprimir, manipular ou excluir. O verdadeiro papel da religião é libertar, e não aprisionar consciências. Quando bem compreendida e vivida de maneira aberta, a religião incentiva a autonomia moral, a reflexão crítica e o comprometimento com o bem comum.

Na minha vivência pessoal, a religião foi um instrumento de crescimento interior e fortalecimento de valores éticos que influenciam minha postura como educadora. A fé me ensinou a acreditar no potencial de cada ser humano e a lutar por uma educação libertadora, aquela que promova não apenas o saber, mas também o ser.

Portanto, a religião, quando aliada à educação, pode ser uma força poderosa para a emancipação humana, na medida em que inspira o ser humano a buscar sentido, justiça, liberdade e plenitude não apenas para si, mas para toda a coletividade.

Nesse sentido, é fundamental compreender que a educação, assim como a religião, pode ser um caminho para a emancipação humana, especialmente quando promove o pensamento crítico, a autonomia e a consciência social. Para Paulo Freire (1996), a educação deve ser um ato de liberdade, e não de domesticação. Ele afirma que ensinar é um ato profundamente ético e político, e que o papel do educador é ensinar o educando a tornar-se sujeito de sua própria história.

Quando a fé se alia a essa perspectiva pedagógica libertadora, ela deixa de ser um instrumento de alienação e passa a ser uma força de transformação. A fé que educa, que promove a dignidade e a consciência crítica, é aquela que caminha junto com a pedagogia do diálogo e da escuta, que não apenas transmite valores, mas os vive na prática. Assim, religião e educação podem convergir para um projeto de sociedade mais justa, solidária e humanizadora, um verdadeiro caminho de emancipação integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS OU QUEM SOU EU?

Sou Danielly Rocha, estudante do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus Imperatriz. Ao longo da minha trajetória pessoal e profissional, trilhei caminhos diversos que contribuíram significativamente para a construção da minha identidade. Em muitos espaços, especialmente na igreja, sou carinhosamente conhecida como "Tia Danny", título que carrego com alegria por atuar como professora da Escola Bíblica Dominical (EBD), onde concílio fé e educação com propósito e responsabilidade.

Minha trajetória pessoal, marcada pela busca constante de organização, planejamento e desenvolvimento pessoal, foi profundamente influenciada tanto pelo trabalho quanto pela vivência religiosa, o que reforçou minha aposta na educação como um caminho de crescimento e transformação. Desde a infância, compreendi que a educação seria essencial para realizar meus sonhos. Através dela, encontrei meios de alinhar meus princípios pessoais, como responsabilidade e esforço, com metas profissionais e acadêmicas concretas.

Minha experiência familiar e com o trabalho me mostraram a importância da qualificação; ao perceber as dificuldades enfrentadas por aqueles que não tiveram acesso a uma formação adequada, compreendi que o estudo era a ferramenta essencial para mudar essa realidade. Ao mesmo tempo, minha vivência na igreja, especialmente na Assembleia de Deus, me ensinou princípios fundamentais como ética, disciplina e compromisso com o próximo. Como afirma Paulo Freire (1987, p. 112), "a educação não é neutra; ela pode libertar ou oprimir, e cabe a cada um escolher qual caminho seguir". Inspirada nesse pensamento, percebi que minha jornada deveria ser pautada na busca pelo conhecimento, não apenas para meu crescimento pessoal, mas também para contribuir com minha comunidade.

Ao ingressar no Ensino Médio e posteriormente conhecer a proposta do IFMA – Campus Imperatriz, encontrei na educação profissionalizante um meio de unir o aprendizado acadêmico com a experiência prática. Essa escolha consolidou minha convicção de que a educação é um investimento que ultrapassa barreiras econômicas e sociais.

Iniciei minha vida acadêmica na área de Engenharia Elétrica e sou formada como técnica em Eletromecânica, experiências que me proporcionaram uma base sólida em raciocínio lógico, análise e estruturação de processos. No decorrer do tempo, fui direcionada para o campo da qualidade e análise de dados, área em que atuei profissionalmente e pude aprofundar competências técnicas voltadas à resolução de problemas, uso de dados para tomada de decisões

e melhoria contínua. No entanto, esse percurso técnico e analítico, nunca esteve dissociado de um olhar humano e educacional. Acredito que os dados contam histórias e que, por trás de cada número, há realidades que exigem sensibilidade e compromisso social. Foi essa compreensão que me aproximou da Pedagogia e me levou a enxergar a educação como ferramenta de transformação pessoal e coletiva.

Minha jornada acadêmica começou de forma bastante diferente do que eu vivo hoje. Passei dois períodos no curso de Engenharia Elétrica tentando me encontrar na área das exatas. No entanto, foi apenas ao fazer a transição para o curso de Pedagogia que comecei a compreender qual era, de fato, o meu verdadeiro propósito. Muitas pessoas ainda enxergam a Pedagogia apenas como um curso para formar professores de sala de aula. Sim, damos aulas, mas a Pedagogia vai muito além disso. Ela nos prepara para formar pessoas e essa missão carrega uma responsabilidade imensa. Com o tempo, percebi que a formação pedagógica não serve apenas para ensinar conteúdos, mas para transformar vidas, inclusive a minha.

Durante a graduação, mergulhei em temas que despertaram lembranças da minha própria história. O estudo sobre os transtornos e dificuldades de aprendizagem, por exemplo, tocou profundamente minha memória afetiva. Revi episódios da infância e passei a entender desafios que, até então, eu não sabia nomear. Foi um processo de autoconhecimento e cura, ao mesmo tempo em que me qualificava para ajudar outras pessoas a superarem seus próprios obstáculos.

Se eu tivesse permanecido na Engenharia, talvez não tivesse a oportunidade de viver essa transformação. Embora venha de uma formação voltada para cálculos e lógica, foram as dificuldades encontradas no curso de Pedagogia que abriram espaço para minha superação pessoal. Aprendi a respeitar meu ritmo, a me valorizar e a me enxergar como agente de mudança na vida de outras pessoas.

Hoje, aplico o que aprendi em diferentes espaços, inclusive na igreja, onde atuo com crianças. A Pedagogia me permite tocar vidas com propósito, sensibilidade e intencionalidade. Capacitar essas crianças, mesmo fora do contexto escolar, é uma das formas mais belas de vivenciar o que aprendi. Por tudo isso, afirmo com convicção: a Pedagogia foi essencial na minha trajetória porque me ensinou mais do que teorias e metodologias, ela me ensinou a me encontrar, a compreender quem sou e o impacto que posso causar no mundo.

Tenho também grande interesse pela língua inglesa, o que ampliou minha visão de mundo e permitiu novas conexões acadêmicas e profissionais. Mais do que títulos e formações,

acredito na importância de integrar fé, tecnologia, propósito e aprendizagem. Essa integração tem orientado minha caminhada como educadora em formação, alguém que ensina, aprende e compartilha, buscando constantemente crescer e contribuir com sentido e intenção.

Meu percurso educacional, permeado pelo trabalho e pela fé, reforçou minha crença de que o conhecimento é um dos pilares mais sólidos para a construção de uma vida digna e significativa. Como ressalta Edgar Morin (2000, p.67), “a educação deve ensinar a compreensão, pois essa é a base para um mundo mais justo e solidário”. Minha trajetória não foi fácil. Equilibrar estudos, trabalho e vida cristã exigiu muita disciplina, renúncias e força de vontade. No entanto, essa jornada me transformou e reafirmou minha compreensão de que a educação é o caminho mais viável para mudar vidas.

Seja na Pedagogia, na igreja, ou no mercado de trabalho, minha missão é ensinar e contribuir para a formação de outras pessoas. Carrego comigo a certeza de que cada esforço valeu a pena e que ainda há muito a ser conquistado. Neste ponto da minha caminhada acadêmica, olho para trás com gratidão e sigo em frente com determinação. Acredito que, mesmo quando a luta parece longa e os resultados tardam a aparecer, é nela que construímos nosso aprendizado e nossa força para continuar.

Diante dessa reflexão, encontro incentivo para não desistir, mesmo em meio às tempestades. Compreendo que, sem desafios e lutas, não há progresso nem sucesso. Se nos satisfazemos plenamente com o que já temos, sem almejar algo maior, deixamos de buscar novos objetivos e oportunidades que possam transformar nossa realidade. É justamente nas dificuldades que encontramos a força para evoluir e construir um futuro melhor.

Manifesto Pessoal de Danielly Rocha Santos

Eu sou Danielly Rocha Santos.

Uma mulher sonhadora, resiliente, que carrega em si o desejo de voar nas alturas dos céus e também nos sonhos mais profundos do coração.

Eu acredito que Deus me criou com um propósito maior.

Meu talento não é apenas meu, é instrumento de transformação. Eu fui chamada para impactar vidas, especialmente das crianças, com amor, educação e fé.

Um dia quero ser comissária ou pilota,

Não pelo glamour, mas porque amo a liberdade de voar, de conhecer o mundo, de viver histórias diferentes. Isso é parte do que me faz vibrar e da realização de um sonho de infância.

Mas meu destino vai além dos ares.

Na terra firme, eu quero empreender, ensinar, servir e inspirar. Quero ter minha própria empresa, minha independência, minha marca no mundo, onde o que eu vendo também carrega valores, força e fé.

Quero ser reconhecida como a Danielly Rocha,

Não por um cargo ou salário, mas por aquilo que deixo nas pessoas: esperança, coragem, luz.

Uso minha formação em Pedagogia como ferramenta divina.

Para alcançar crianças, levar carinho, educação, cuidado. Principalmente na igreja, onde cada sementinha plantada pode florescer para sempre.

No mercado de trabalho, tenho excelência.

Mesmo diante de desafios, dou o meu melhor, busco alta performance, contribuo com ideias, lidero com coração.

Minha fé é minha base.

Quando me sinto fraca, me volto para Deus. Quando conquisto algo, devolvo a glória a Ele.

Eu estou construindo minha história com propósito.

E mesmo que eu tropece, mesmo que pareça longe, eu sigo. Porque sei que estou no caminho certo, e o meu nome já está escrito nas promessas de Deus.

Aqui encerro toda a minha trajetória acadêmica até o momento!

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. 1. ed. revista e corrigida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BOFF, Leonardo. **Religião e emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 1 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDBEN. 1996.

BRASIL. **Eleições presidenciais de 2002**. Tribunal Superior Eleitoral, 2002.

BRASIL. Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005. Altera os arts. 6º, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 17 maio de 2005.

BRASIL. Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007. Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 21 jun. 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/lei/11494.htm. Acesso em: 7 ago. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 7 fev. 2006. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11274.htm. Acesso em: 7 ago. 2025.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/11114.htm. Acesso em: 22 Junho. 2025.

BRASIL. **Emenda Constitucional** nº 14, de 12 de setembro de 1996. Modifica os arts. 34, 208, 211 e 212 da Constituição Federal e dá nova redação ao art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 13 set. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc14.htm. Acesso em: 7 ago. 2025.

BRASIL. **Emenda Constitucional** nº 53, de 19 de dezembro de 2006. Altera os arts. 34, 35, 60, 208, 211 e 212 da Constituição Federal.

Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/11114.htm. Acesso em: 12 Julho. 2025.

BRASIL. Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006. Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Tecnologia na educação: ensinando e aprendendo com as TIC. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 jun. 2009.

Disponível em: <https://www.fnnde.gov.br/index.php/programas/pnae>. Acesso em: 7 ago. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Plano de Desenvolvimento da Educação** – PDE. Brasília: MEC, 2007. Disponível em: <https://pde.mec.gov.br>. Acesso em: 05 jun. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Tecnologia na educação: ensinando e aprendendo com as TIC. Brasília: MEC, 2007.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BRASIL. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Reforma do Ensino Médio. **Diário Oficial da União**, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília: MEC, 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Sistema de Seleção Unificada – SISU. Brasília: MEC, 2023.

BRITES, Luciana. **O brincar é fundamental**: como o desenvolvimento infantil pode ser estimulado por meio do brincar. Curitiba: Instituto Neuro Saber, 2020.

COELHO, Paulo. **O alquimista**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL (CGADB). **História da Assembleia de Deus**. 2024.

COSTA, Maria Aparecida; SILVA, João Paulo. Evasão Escolar no Ensino Fundamental II: Causas e Desafios. **Revista Educação em Foco**, v. 15, n. 2, 2018.

CURY, Carlos Roberto Jamil. A Lei nº 11.274/2006 e a ampliação do ensino fundamental para nove anos: questões e perspectivas. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1037–1056, out. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300016>. Acesso em: 7 ago. 2025.

DE CAIRES, G. A. Cristianismo da libertação como visão social de mundo: Paulo Freire e a Teologia da Libertação. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 42, p. 1–25, 2021.

DELORY-MOMBERGER, Christine. A pesquisa biográfica ou a história de vida como paradigma das ciências sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, v. 1, n. 1, p. 41–60, 2012.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

FERREIRA, A. C.; MORAES, M. F. S. A Educação Infantil no contexto das políticas públicas brasileiras: desafios da implementação nos municípios. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 935–952, 2008.

- FERREIRA, D. B. B. *Adolescentes, suicídio e automutilação: modelos preditivos e impactos da pandemia de COVID-19*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2025.
- FERREIRA, J. P. **Assembleia de Deus**: origem, crescimento e desafios no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.
- FONSECA, Vitor da. **Psicopedagogia**: o caráter psicopedagógico da aprendizagem e seus distúrbios. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re)exame da relação entre educação e estrutura econômico-social capitalista. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1984.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 2010.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. O rejuvenescimento da teoria do capital humano no contexto do capitalismo tardio. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **A formação humana e o capitalismo**: heteronomia ou autonomia? São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 15-42.
- FUNDEB. Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007. Regulamenta o FUNDEB.
- GENTILI, Pablo. **A escola sob suspeita**: políticas públicas e neoliberalismo. 6. ed. Petropolis: Vozes, 2003.
- GOULD, Stephen Jay. **Rocks of Ages**: science and religion in the fullness of life. New York: Ballantine Books, 1999.
- GUIAME. *Assembleia de Deus no Brasil é a maior igreja pentecostal do mundo*. 2023. Disponível em: <https://guiame.com.br/gospel> Acesso em: 30 de Junho. 2025
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da Libertação**: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1985.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 1997*. Rio de Janeiro: IBGE, 1997. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2642.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2025.
- IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2022.
- IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024.
- INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. *Sinopse Estatística da Educação Básica 2007*. Brasília: INEP, 2008. Disponível em: https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/educacao_basica/2007. Acesso em: 7 ago. 2025.
- INEP. **Histórico do IDEB**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2019.
- INEP. **Censo da Educação Superior 2022**: notas estatísticas. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2023.
- INSTITUTO FEDERAL DO MARANHÃO (IFMA). **Histórico do Campus Imperatriz**. 2024. Disponível em: <https://imperatriz.ifma.edu.br> . Acesso em: 20 Maio. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Relatório de Desempenho no ENEM 2024. Brasília: INEP, 2024. Disponível em: <https://inep.gov.br/enem/relatorios-de-desempenho>. Acesso em: 7 ago. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Censo da Educação Básica 2023. Brasília: INEP, 2023. Disponível em: <https://inep.gov.br/censo-da-educacao-basica>. Acesso em: 7 ago. 2025.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Políticas sociais: acompanhamento e análise*. Brasília: IPEA, 1998. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=5971, Acesso em: 7 ago. 2025.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta**: que é esclarecimento? São Paulo: Centauro, 2006.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana**: danças, piruetas e mascaradas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. Relatório de Monitoramento da Educação Infantil no Maranhão – 2006/2007. São Luís: SEDUC-MA, 2008.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 2004.

MARX, Karl. Para a crítica da Filosofia do Direito de Hegel. In: MARX, K. e ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1974.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2023.

MATHIAS, C. S. **COVID-19 e o impacto na saúde mental dos adolescentes**. São Paulo: Editora Científica, 2024.

MEC. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC. Ministério da Educação, 2017.

MEC. Ministério da Educação. *Relatório de monitoramento da educação infantil: situação e desafios*. Brasília: MEC, 2007.

Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1081-relatorio-educacao-infantil-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 7 ago. 2025.

MELO, Pedro Thiago Costa. **Trajetórias reveladas**: as memórias formativas e a identidade do professor de História. 2024. 175 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria, 2024.

MONTEIRO, Carlos Augusto; CANNON, Geoffrey.I. Determinantes da alimentação infantil e impactos na aprendizagem escolar. **Revista Brasileira de Saúde Escolar**. São Paulo, v. 8, n. 1, p. 55–68, 2020.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Brasília: UNESCO, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. Trad. de Mário da Silva. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.
- NÓVOA, António. **Profissão professor: identidade e mudança**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- NUSSBAUM, Martha. **Sem fins lucrativos: porque a democracia precisa das humanidades**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- OLIVEIRA, Ana Carolina; SILVA, Júlio César. Bullying escolar: implicações emocionais e estratégias de enfrentamento. **Cadernos de Psicologia e Educação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 78–92, 2021.
- OLWEUS, Dan. **Bullying at school: what we know and what we can do**. Oxford: Blackwell Publishing, 1993.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **WHO Corona virus (COVID-19) Dashboard**. Geneva: WHO, 2021.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. **Pesquisa (auto)biográfica em educação: desafios teórico-metodológicos**. Natal: EDUFRRN, 2011.
- PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: T.A. Queiroz / Psicologia USP, 1984.
- PIMENTA, S. G. **Estágio e docência: os sentidos do estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PIMENTA, Selma Garrido. **Didática e formação de professores: percursos e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2012.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças Camargo. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2014.
- PINTO, José Marcelino de Rezende. O FUNDEB e a valorização do magistério. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 23, n. 1, p. 29–45, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.21573/vol23n12007.19215>. Acesso em: 7 ago. 2025.
- PREFEITURA DE IMPERATRIZ. **História de Imperatriz**. Imperatriz: Prefeitura Municipal, 2024. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br> Acesso em: 20 de Maio. 2025
- PREFEITURA DE IMPERATRIZ. **História religiosa de Imperatriz**. Imperatriz: Prefeitura Municipal, 2024. Disponível em: <https://imperatriz.ma.gov.br>. Acesso em: 20 de Maio. 2025
- SANTOS, Benedito Domingues dos. **Ciência e Fé: reflexões filosóficas e teológicas**. São Paulo: Loyola, 2012.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- SENADO FEDERAL. Comenda Missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren. Brasília: Senado, 2023.
- SGUISSARDI, Valdemar; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. **Universidade e exclusão social**. São Paulo: Cortez, 2009.
- SIEGEL, Daniel. **O cérebro da criança**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- SILVA, E. **Pentecostalismo e sociedade: a influência da Assembleia de Deus no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

UFMA. **Histórico do Curso de Pedagogia – Campus Imperatriz**. Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: <https://portais.ufma.br/> Acesso em: 25 de Maio de 2025.

UNITED NATIONS. **World Summit on Sustainable Development – Johannesburg**. 2002. Disponível em: <https://www.un.org> Acesso em: 24 de Junho. 2025.

VALLADARES, Livia Maria M. Religião e emancipação humana: entre a crítica e a reconstrução. **Revista Horizonte**, v. 12, n. 33, p. 638–659, 2014.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.